



# ISTO É Dinheiro



Edição 14 - 26/12/25

**#COP30**  
UN CLIMATE REFERENCE  
novo nordisk

**RETROSPECTIVA 2025**

**BRIES**

**oi**

**CAFÉS DO BRASIL**

**[B]<sup>3</sup>**

**BANCO MASTER**

**Keeta**

**United Nations**

**As tendências, os negócios, os empresários, os ganhos e as perdas que marcaram o ano**



Página  
12

KEVIN MAZUR/WIREIMAGE FOR LIVE NATION

Show de Lady Gaga e o primeiro Oscar impulsionam a brasilidade no mundo

## Índice

- 3 RESUMO DA SEMANA
- 5 ECONOMIA —————
- 12 BRASIL
- 17 INTERNACIONAL
- 22 NÚMEROS DA SEMANA
- 23 CAPITAIS
- 25 FINANÇAS
- 27 EMPRESAS —————
- 30 ESG
- 33 RURAL
- 35 AUTO
- 37 ENTRETENIMENTO —————
- 39 O MELHOR DAS REDES
- 41 PALAVRA POR PALAVRA
- 42 ARTIGO



JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SEMAHO

O que aconteceu na economia em 2025



VCG/AP

Altos e baixos no mundo dos negócios



REPRODUÇÃO FACEBOOK

Os shows lotam, mas o consumo neles cai

## Expediente

**ISTOÉ**  
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL  
Daniel Hessel Teich

**ISTOÉ**  
Dinheiro

EDITORA  
Érica Polo

DIRETOR DE ARTE  
Alexandre Akermann

DESIGNER  
Mayara Novais

DIRETOR DE MERCADO  
LEITOR E LOGÍSTICA  
Edgardo A. Zabala

[www.istoedinheiro.com.br](http://www.istoedinheiro.com.br)

Instagram  
[instagram.com/istoe\\_dinheiro/](https://instagram.com/istoe_dinheiro/)

YouTube  
[m.youtube.com/@istoe\\_dinheiro](https://m.youtube.com/@istoe_dinheiro)

X  
[x.com/istoe\\_dinheiro](https://x.com/istoe_dinheiro)

Facebook  
[facebook.com/istoedinheiro](https://facebook.com/istoedinheiro)

TikTok  
[tiktok.com/@revistaistoe](https://tiktok.com/@revistaistoe)

LinkedIn  
[linkedin.com/company/istoe-dinheiro/](https://linkedin.com/company/istoe-dinheiro/)

Redação e correspondência  
Rua Iguatemi, 192, 19º andar, Itaim Bibi,  
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ DINHEIRO é uma publicação semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA., empresa detentora das marcas ISTOÉ e coligadas, tanto em plataformas digitais como meios impressos. A empresa não tem qualquer vinculação editorial e societária com a EDITORA TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA. (em liquidação judicial)

# Dezembro no ar

Notícias que marcaram a economia e os negócios na reta final de 2025

## A polêmica do “pé direito”

A Alpargatas, dona da Havaianas, viveu um episódio problemático na semana que antecedeu o Natal. Em uma propaganda veiculada na TV aberta e redes sociais, a atriz Fernanda Torres sugere que o público não entre em 2026 “com o pé direito”, mas sim “com os dois pés”. Não demorou muito para que políticos militantes de direita se sentissem atacados pelo comercial. O barulho foi tão grande que bateu na bolsa de valores: as ações da companhia chegaram ao fim do dia com queda de quase 3% na segunda-feira, 22, a R\$ 11,44, em meio à polêmica. A perda de valor de mercado alcançou R\$ 150 milhões num único dia. Na terça, a empresa reverteu a perda.

*Alpargatas chegou a perder valor de mercado, mas reverteu em seguida*



## Sinal verde para o orçamento

O orçamento do governo federal foi aprovado pelo Congresso Nacional em 19 de dezembro, e aguardava a sanção do presidente Luiz Inácio Lula da Silva até o fechamento desta edição. O valor total, somada a maior parcela destinada ao refinanciamento da dívida pública, é de R\$ 5,8 trilhões. O custeio de serviços públicos e investimentos fica próximo a R\$ 2,3 trilhões. O texto do Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA) prevê um superávit primário de R\$ 34,5 bilhões em 2026, ligeiramente acima da meta fiscal de R\$ 34,3 bilhões equivalente a 0,25% do Produto Interno Bruto (PIB). Está prevista a aplicação de R\$ 110 bilhões em investimentos, acima do piso de 0,6% do PIB exigido pela regra do arcabouço fiscal – o que corresponderia a R\$ 83 bilhões. Emendas parlamentares ficam com R\$ 61 bilhões.

*Orçamento 2026 foi aprovado e precisa da sanção de Lula*



*Fundo Garantidor de Crédito vai ressarcir R\$ 41 bilhões a 1,6 milhão de investidores do Master*

## Como ficam os credores do Banco Master?

Recém-completado um mês da intervenção e liquidação extrajudicial do Banco Master, de Daniel Vorcaro (que chegou a ser preso), pelo Banco Central (BC), os credores ainda esperam pelo reembolso do Fundo Garantidor de Crédito (FGC). A expectativa é que os prejudicados pelo banco comecem a receber ainda neste ano, já que a média para o pagamento é de 30 a 40 dias após os trâmites que incluem a nomeação de um administrador nomeado pelo BC. Contudo, ainda não há exatidão para o início. O Master gerou o maior rombo ao caixa do FGC em trinta anos de sua história, ao somar R\$ 41 bilhões devidos a 1,6 milhão de pessoas. O banco está sob investigação e foi alvo da operação Compliance Zero, da Polícia Federal, por criar carteiras de títulos falsos e distribuí-las a investidores.

## Resumo da semana

### TikTok pode mudar de mãos em janeiro

O TikTok assinou um acordo para vender sua operação nos Estados Unidos a três investidores norte-americanos – Oracle, Silver Lake e MGX –, garantindo que a popular plataforma social de vídeos continue em funcionamento no país. O acordo deve ser concretizado entre a atual controladora, a chinesa ByteDance, e os novos donos em 22 de janeiro próximo. O debate em torno da transição de controle da empresa ocorre desde 2019. As autoridades americanas levantaram preocupações em torno do alcance a dados de cidadãos americanos e segurança nacional.



*Controle do TikTok nos Estados Unidos vai passar para as mãos da Oracle, Silver Lake e MGX*



*Acordo entre os blocos ainda não saiu, mas Lula tem esperanças de que seja assinado em janeiro*

### Água fria no acordo UE-Mercosul

Esperava-se que, depois de 26 anos de negociações, o acordo de livre comércio entre a União Europeia (UE) e o Mercosul (bloco formado por Argentina, Brasil, Bolívia, Paraguai e Uruguai) finalmente fosse assinado em Foz do Iguaçu, em 20 de dezembro. Mas, França e Itália pediram mais salvaguardas para seus agricultores e jogaram água fria nos planos da comissão europeia, que está disposta a selar o pacto que criará a maior área de livre comércio do mundo. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que o acordo poderá ser assinado, em princípio, em janeiro.

### Mais R\$ 2,6 trilhões em arrecadação

O governo federal aumentou a arrecadação de praticamente todos os impostos no acumulado entre janeiro e novembro de 2025, informou a Receita Federal. Ao todo, o volume alcança R\$ 2,6 trilhões. Entre as altas, impostos sobre residentes no exterior, pessoa jurídica, o de renda retido na fonte, operações financeiras, PIS/Pasep e Cofins. Só a alta de arrecadação do IOF, que gerou debate entre os três poderes, foi de 20%. No ano passado, vale lembrar, o Brasil já havia registrado a maior carga tributária em vinte anos.



*O governo aumentou a arrecadação de praticamente todos os impostos até novembro*

# As surpresas de 2025

A inflação oficial chega a dezembro abaixo do teto da meta, a economia cresce e o emprego é resiliente – mas os brasileiros ainda encaram preços altos e as contas do governo geram maior alerta

Um indicador surpreendeu os agentes financeiros e econômicos em 2025, a inflação. Foco da política monetária do Banco Central (BC), esse indicador chega ao final de 2025 em melhor retrato do que era esperado (ou previsto) em janeiro. Embora o brasileiro ainda não sinta que a melhoria bateu no bolso – muitos serviços, como Uber e 99, e preços de alimentos, como o café, avançaram e lá ficaram –, a inflação oficial arrefeceu e alcançou um patamar mais baixo do que era projetado em janeiro.

A tendência para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) era superior ao teto da meta,

de 4,5%. Esperava-se 5%, mas chegou a 4,46% em novembro (acumulada de 12 meses). Deve aí manter-se (ou cair um pouco abaixo). O centro da meta é 3%. Resultado do mais alto patamar de juros (Selic) em duas décadas, 15%, a inflação deveria chegar a números abaixo do teto da meta só no primeiro trimestre do ano que vem. Ao menos o próprio BC e o mercado assim esperavam. Após estourar o limite superior de tolerância em junho, a autoridade monetária havia projetado que só conseguiria entregar a inflação abaixo do limite do teto máximo ao fim do primeiro trimestre de 2026. Mas houve uma antecipação signi-

ficativa do retorno da inflação para dentro desse limite, comentam economistas consultados pela IstoÉ Dinheiro. “A política monetária está gerando os efeitos pretendidos. Os juros estão bastante elevados, há muito tempo, de modo que a atividade econômica e a inflação sentem esses efeitos”, disse Felipe Salto, economista-chefe da Warren Investimentos. O juro alto foi pauta o ano todo, e crítica central do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, ao longo de 2025. Gabriel Galípolo, presidente do BC, e sua diretoria mantiveram a estratégia.

Mas não foi só a Selic. Houve uma parcela importante de colaboração da taxa de câmbio para a queda da inflação. “A perda de valor do dólar, derivada da nova política econômica dos Estados Unidos, nos ajudou”, acredita Salto. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que assumiu o cargo em 20 de janeiro deste ano, tem trabalhado numa direção de enfraquecer o dólar. Já disse em viagens ao exterior que “um dólar forte é bom”, mas enfraquece as vendas do país, já que os produtos americanos ficam mais caros mundo afora. Por fim, em meio a isso, com um real mais forte, os produtos que o Brasil importa acabaram ficando um pouco menos onerosos.

A estratégia do americano vem funcionando. No que diz respeito ao real, até a sexta-feira, 19, quando fechado este texto, o dólar encerrou o ano com queda aproximada de 14% no ano (fechou na sexta a R\$ 5,52). Já o índice DXY, que mede o valor da moeda americana em comparação a uma cesta de seis moedas (euro, iene, libra, dólar canadense, coroa sueca e franco suíço) recuava até a mesma data pouco mais de 8% em doze meses, indica a Investing. “O governo Trump tem utilizado a estratégia para tentar melhorar a questão industrial americana, buscando trazer empregos industriais de volta, o que exige um dólar mais enfraquecido”, explicou o economista-chefe do banco Inter, André Valério.

Salto e André seguem uma linha similar à da maior parte dos agentes do mercado financeiro que não enxergam a



*Fernando Haddad, da Fazenda: crítica aos juros excessivamente altos*

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO



CARLOS MOURA/AGÊNCIA SERRAVALLO

*Gabriel Galípolo, presidente do BC, manteve a estratégia, que entrega efeitos*

inflação como um problema para o Brasil em 2026 – mesmo com a queda de juros esperada para o começo do ano. Quanto ao Produto Interno Bruto (PIB), apesar da política contracionista do BC para segurar a economia, por fim também surpreendeu, e deverá atingir 2,25% no ano (veja na página 9). Esperava-se alta de 2,02% em janeiro. O crescimento é considerado “robusto”, e ocorre porque houve uma certa perda de força do reflexo dos efeitos da política monetária no terceiro trimestre, disse Valério. Um dos fatores para isso, já bastante comentado por economistas, pode ser o impulso gerado pelo governo federal à obtenção de crédito ou redução de burocracia, seja para micro e pequenas empresas ou pessoas físicas, com o fim de estimular setores da economia como o agro, construção civil, comércio e exportações. Ademais, o mercado de trabalho tampouco “esfriou” rapidamente. Ao não seguir a toada da política monetária do BC, as pessoas têm renda para o consumo, o que torna a economia mais resiliente.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou que a taxa de desemprego entre agosto e outubro, a mais recente, ficou em 5,4%, o menor

valor da história para o período. São dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD). O destaque ficou com o setor de serviços, que criou pouco mais de 960 mil vagas. Em indústria, chegou a 304 mil postos de trabalho, indica o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

O mercado de trabalho brasileiro apresenta uma dinâmica positiva por conta de um ganho de produtividade econômica e por questões demográficas, avalia Salto, da Warren. A perspectiva do mercado para 2026 é uma leve piora no quadro, que deve chegar a 6% no final do ano. Muito se debateu ao longo deste ano se o Brasil teria chegado à situação de pleno emprego, ou até se estaria abaixo desse marco. O pleno emprego é um conceito econômico que quer dizer, de forma simplificada, que todas as pessoas aptas a trabalhar e que desejam fazê-lo se empregam. Cada país tem seu cálculo para chegar a essa conclusão, ou seja, não há um número médio global.

É que o cálculo envolve questões estruturais de cada país, já que sempre vai existir algum nível de desemprego (nunca é zero) gerado por inadequações de habilidades e transição entre empre-

## De olho nos aplicativos de transporte

Com metade de dezembro transcorrido, as redes sociais mostram uma inundação de reclamações sobre praticamente o mesmo tema: a alta de preços considerada ‘astronômica’ pelos usuários das corridas de aplicativo, como Uber e 99. O contexto mostra uma intensificação de um cenário que, em meses, mostra uma escalada de preços na casa dos dois dígitos percentuais.

A inflação do Uber e do 99 é ampla, afetou diversos estados e chegou a superar o preço do café – um dos vilões recentes da inflação. Em doze meses até novembro, o preço de uma corrida por aplicativo saltou 65% no Brasil, superando os 42% de alta do café, segundo dados do IPCA. O panorama se agravou tanto após o volume de reclamações, que motivou uma notificação formal do Procon Paulista, órgão vinculado à Secretaria de Justiça da prefeitura de São Paulo, às empresas de transporte por aplicativo. O órgão pede esclarecimentos sobre a alta repentina dos preços praticados e mais detalhes sobre as tarifas dinâmicas. As empresas devem prestar esclarecimentos ao órgão em dezembro. Caso constatado abuso nas práticas ou problemas relativos à falta de transparência, sanções administrativas devem ser tomadas – podendo chegar à multas e cassação de licença de funcionamento no cenário mais drástico. Procuradas pela IstoÉ Dinheiro, as companhias informaram que a alta decorre de maior demanda por parte de passageiros.

gos. Além disso, quando o mercado de trabalho está aquecido há o desafio de atingir esse ponto sem gerar inflação excessiva – isso pode acontecer por falta de mão de obra, ou seja, as empresas precisam pagar salários bem mais altos para “roubar” pessoas dos concorrentes, por exemplo. Bruno Imaizumi, economista da 4intelligence, comenta que mudanças realizadas em anos recentes no mercado de trabalho – digitalização da economia (o trabalho em aplicativos) e a reforma trabalhista, para citar algumas – sugerem que o Brasil opera em taxa próxima ao pleno emprego e não abaixo dele como se imaginava (veja o artigo de Bruno Imaizumi ao final desta edição).

### As contas públicas

Apesar de um retrato econômico de indicadores não tão pavoroso, como muitas vezes se pinta, os desafios para 2026 não são poucos. Um deles está na adequação das contas públicas federais – o governo federal é um forte comprador e, quando age, afeta a inflação. Além disso, se não acerta suas dívidas (e só as eleva), o país, e consequentemente sua economia, perde a credibilidade diante de outros governos, empresas e investidores. Um relatório divulgado na quinta-feira, 18 de dezembro, pela Instituição Fiscal Independente (IFI), um órgão técnico ligado ao Senado que funciona como um vigia das contas públicas, trouxe o alerta.

Nos três primeiros anos de vigência do arcabouço fiscal, o governo gastou R\$ 170 bilhões por fora das regras fiscais vigentes, dentro das exceções que a própria lei já pressupunha. “Estamos vivenciando uma fragilização do arcabouço por conta das excepcionalizações. Gasto é gasto, despesa é despesa. Do ponto de vista macroeconômico, o que importa é se está gerando déficit e dívida ou não. É aí que você tem um esvaziamento da credibilidade do arcabouço”, disse em entrevista à IstoÉ Dinheiro o diretor-executivo do IFI, Marcus Pestana.

O cenário de déficit não é visto apenas da atual gestão. Ao longo da última década o Brasil vem registrando consecutivos déficits primários, ora maiores, ora menores. Quando o governo gasta mal ou gasta mais do que arrecada, ele precisa pegar mais dinheiro emprestado no mercado. Desse modo,

o atual governo de Luiz Inácio Lula da Silva desenhou o arcabouço fiscal para tentar conter a sangria, uma estratégia que ajudaria o Executivo a se comprometer junto ao mercado financeiro. A atual gestão propôs e o Congresso Nacional aprovou a Lei Complementar 200, que ficou conhecida como “arcabouço fiscal”.

De forma resumida, a regra determina que o governo só pode gastar 70% daquilo que é arrecadado. Caso não seja cumprida, o percentual de gastos no ano seguinte cai para 50% da receita. Só que nem todo gasto do governo entra nessa contabilidade. Existem exceções como gastos com desastres, despesas das universidades públicas, execução direta de obras e serviços de engenharia, entre outras. O grande problema é que a lista de exceções tem crescido. Com as manobras para tirar certas despesas do arcabouço, o governo deve fechar 2025 dentro da meta fiscal. Na avaliação de Salto, da Warren (ele já ocupou o posto de ex-Secretário da Fazenda de São Paulo), o governo vai entregar a meta deste ano, mas raspando no piso mínimo de gastar 0,6% acima da inflação.

Essa cláusula foi incluída às despesas primárias como uma salvaguarda, para que o país garantisse aumento real mínimo nos gastos governamentais em caso de baixo crescimento econômico ou até recessão para manter serviços e políticas públicas (a lógica: o governo pode gastar um pouco acima da inflação para que os hospitais e outros serviços essenciais sigam funcionando).

“Projetamos déficit primário de 0,6% do PIB. Isso vai permitir que a meta seja cumprida usando a banda inferior dela, descontando os precatórios que podem ser descontados. No ano que vem a situação é diferente”, disse. Nos cálculos da Warren, a projeção é de um déficit de 0,7% do PIB em 2026, o que equivale a R\$ 92,4 bilhões, quando a meta é de um superávit de R\$ 34,3 bilhões, com a banda inferior em zero. Na avaliação da maior parte dos economistas que comentam o tema, a meta fiscal de 2026 precisará ser alterada. Independentemente de quem ganhe a eleição presidencial de outubro do próximo ano, é uma agenda que vai se impor. **D**

Com reportagem de Alexandre Inacio,  
Bruno Pavan e Eduardo Vargas

*Inflação recuou, mas preços altos e inadimplência também marcam 2025*



# Pouso suave

Produto Interno Bruto desacelera de forma controlada em 2025, com mercado de trabalho resiliente e setor de serviços estável, e deve crescer pouco mais de 2%

**E**m meio à estratégia do Banco Central (BC) para brejar a inflação, a atividade econômica arrefeceu suavemente em 2025. É a leitura de economistas consultados ao longo do ano. No terceiro trimestre, o dado mais recente publicado até agora, o Produto Interno Bruto (PIB) registrou alta de 0,1% na comparação com os três meses imediatamente anteriores: ou seja, praticamente parou. O desempenho evidenciado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 4 de dezembro confirma a tendência de enfraquecimento da economia como um resultado da estraté-

gia da política monetária contracionista posta em prática pela autoridade monetária, que elevou os juros básicos da economia a 15%, o mais alto em vinte anos.

Em valor corrente, o PIB alcançou R\$ 3,2 trilhões entre julho e setembro. Alguns economistas esperavam avanço de 0,2%, o que não ocorreu. Além disso, o instituto revisou para baixo o crescimento do segundo trimestre deste ano, para uma alta de 0,3% – a leitura anterior indicava avanço de 0,4%. A fotografia mostrou que o desempenho econômico do terceiro trimestre foi o mais fraco desde o último trimestre de

2024, quando a economia teve retração de 0,1%. Já se comparado com o terceiro trimestre do ano passado, o resultado cresceu 1,8%. Mesmo antes do encerramento do ano, os economistas esperam que a economia brasileira cresça num ritmo mais fraco neste ano se comparado à alta de 3,4% de 2024, quando o PIB somou R\$ 11,4 trilhões.

Espera-se que a atividade econômica avance 2,25% em 2025 (o BC espera 2,3%), e no próximo ano isso deve se reduzir para um intervalo entre 1,5% para 1,6%. Mesmo com a estratégia do BC em curso, houve ainda um crescimento robusto da economia ao longo do ano. Uma das causas para isso é o incentivo do governo federal a empresas e pessoas físicas por meio de programas, a exemplo dos focados em habitação e exportações para contornar desafios do mercado externo neste último caso. O mercado de trabalho aquecido também gera alguma resiliência.

O ano que vem, contudo, gera alertas. Há efeito da estratégia do BC, e os



*Com o freio dos juros altos, PIB crescerá bem menos do que o registrado em 2024*

AGÊNCIA BRASIL/ARQUIVO



*Mercado de trabalho  
resiliente e  
programas de  
governo seguraram  
o consumo*

PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL

juros devem voltar a cair a partir de março (é a aposta dos economistas), contudo anos de ciclo eleitoral tem suas particularidades. Se por um lado empresas e investidores seguram a carteira e investem menos por desconhecer qual será a política econômica do próximo governo a ser eleito, é também comum que governos expandam gastos públicos em obras ou programas sociais na tentativa de ganhar eleitorado. Tudo isso gera instabilidades no ambiente econômico, e fica mais difícil fazer projeções a respeito das respostas da economia.

Ainda sobre o retrato do trimestre mais recente, embora a agropecuária tenha crescido 0,4% e, a indústria, 0,8%, o setor de serviços, que tem maior peso na economia, ficou praticamente estável em 0,1%. Se observados os subsetores em serviços, a espinha dorsal da economia brasileira por sua representatividade, cresceram os transportes, armazenagem e correio (2,7%), informação e

comunicação (1,5%), atividades imobiliárias (0,8%), comércio (0,4%), administração, defesa, saúde e educação públicas e seguridade social (0,4%) e outras atividades de serviços (0,2%).

Por outro lado, as atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados recuaram 1%. Pelo aspecto da demanda, o consumo das famílias refletiu uma quase estagnação, com alta de 0,1%, em comparação ao crescimento de 0,6% no primeiro e segundo trimestres. O do governo cresceu 1,3%, enquanto a formação bruta de capital fixo (investimentos) de modo geral subiu 0,9% em relação ao trimestre imediatamente anterior.

Mudanças mais significativas na medição desse retrato poderão vir com a baixa dos juros. O BC diz que manterá a Selic em 15% por período prolongado até que a inflação chegue à meta de 3%. Com a desaceleração evidenciada no terceiro trimestre, alguns economistas descrevem o movimento como um “pouso suave” da economia, onde o mercado de

trabalho ainda está aquecido e o setor de serviços, impulsionado pelo consumo das famílias, continua tendo algum destaque positivo.

O mercado de trabalho, via de regra o último indicador a responder à política monetária contracionista, ainda se mostra aquecido. Na manhã da quinta-feira, 4 de dezembro, logo após a divulgação do PIB pelo IBGE, o economista-chefe do banco Bradesco, Fernando Honorato Barbosa, disse à TV Globo que uma parte da explicação para isso é o efeito das plataformas digitais. Com a economia digital, muitas pessoas que perdem o emprego partem para aplicativos como Uber ou ifood, para citar poucos exemplos de alternativas. Além disso, a reforma trabalhista também afeta o contexto, comentou ainda. As mudanças flexibilizaram regras em relações de trabalho e, embora o impacto real das medidas na rotina e criação de empregos esteja em constante debate, um dos efeitos foi a redução de custos de contratação. **D**



FABIO RODRIGUES-POZZE BOM/ AGÊNCIA BRASIL

# Um passo decisivo

Entre os projetos de lei que marcaram a economia em 2025 está a aprovação da isenção de Imposto de Renda para mais dez milhões de pessoas – um trunfo de Lula para a corrida eleitoral do próximo ano

Importante bandeira do atual governo, o projeto de lei que amplia para R\$ 5 mil reais a faixa de renda mensal isenta do Imposto de Renda (e cria uma taxa mínima para pessoas de renda mais alta) foi sancionada em novembro pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. O texto aprovado pelo Congresso Nacional esperava assinatura desde o início de novembro. A nova legislação concede, ainda entre as no-

vidades, desconto de IR para os contribuintes que recebem até R\$ 7.350. Entre os projetos de lei que marcaram o ano, este ganha destaque pela relevância política: foi promessa de campanha de Lula em 2022. Cumprida, depois de muita articulação em Brasília, será um trunfo na manga do mandatário para a disputa com a direita no pleito eleitoral de 2026.

Com a sanção de Lula, a isenção ampliada começa a valer no próximo ano.

Atualmente, esse teto de isenção é de dois salários mínimos, ou R\$ 3.036. Com o novo patamar, o governo aponta que dez milhões de trabalhadores passam a ter isenção do imposto, totalizando 15 milhões de pessoas. Haverá, com isso, uma renúncia de R\$ 28 bilhões em receita do IR de pessoa física, segundo o próprio presidente da República, ou algo próximo a 10% dos quase R\$ 227 bilhões arrecadados com o tributo. A eco-



## Compensações: IOF, JCP e outras mudanças

A agenda de reforma do sistema tributário, que busca o equilíbrio das contas públicas e 'justiça social tributária' na visão do atual governo federal, é composta também por outras medidas além das que elevam a cobrança de Imposto de Renda a pessoas físicas com rendas mais altas. Ao final do ano passou pelo Congresso Nacional o projeto que eleva a tributação de fintechs, bets (empresas de apostas online) e de companhias que distribuem juros sobre capital próprio (JCP) a seus acionistas. Com a medida, há potencial arrecadatório de R\$ 22 bilhões.

Além disso, o ano também foi marcado pelo debate relacionado ao aumento da cobrança de Imposto sobre Operações Financeiras (IOF). A alta do imposto foi protagonista de um dos embates mais complexos entre o Palácio do Planalto, o Congresso e o Judiciário. Após uma série de idas e vindas jurídicas, o governo federal conseguiu consolidar a elevação das alíquotas para operações de crédito e câmbio na reta final do ano. Visando compensar o déficit gerado pela manutenção de desonerações e o cumprimento das metas do arcabouço fiscal, a elevação de arrecadação do tributo alcançou R\$ 77 bilhões até dezembro, quase 20% mais em um ano.

*Fazenda, conduzida por Haddad, compensou a isenção ao apresentar projetos que elevam tributos para a alta renda e reduzem benefícios fiscais*

nomia mensal para quem faz parte do grupo isento pode chegar a até R\$ 4 mil por ano com as novas regras. O cálculo foi feito pela especialista em direito tributário Bárbara Guarinão, do Lewandowski Libertuci Advogados, a pedido da IstoÉ Dinheiro.

Para os trabalhadores assalariados, o imposto de renda segue sendo retido na fonte, conforme a tabela progressiva de alíquotas, que chega a 27,5% para as faixas de renda mais altas. Na faixa de renda entre R\$ 5.000,01 e R\$ 7.350,00 passa a ocorrer redução parcial na alíquota. E a partir de R\$ 7.351 incidirão as alíquotas progressivas existentes atualmente de 7,5%, 15%, 22,5% e 27,5%.

Para compensar a perda de receita gerada pela ampliação do universo de isentos, o projeto estabelece, contudo, uma taxa mínima de até 10% sobre pessoas com renda anual superior a R\$ 600 mil (ou acima de R\$ 50 mil mensais). O governo estima essa faixa de maior renda seja composta por um grupo de

141,4 mil brasileiros – ou 0,13% do total de contribuintes e 0,06% da população do país. Essas pessoas pagam hoje uma alíquota efetiva média de imposto de renda de apenas 2,54%. O governo projeta que haverá R\$ 34,1 bi em compensação com o imposto sobre a alta renda.

O texto prevê uma progressão, partindo de 0% e chegando a 10% para rendimentos acima de R\$ 1,2 milhão por ano, incluindo dividendos. Serão considerados, em regra, todos os rendimentos recebidos no ano calendário, inclusive os tributados de forma exclusiva ou definitiva e os isentos ou sujeitos a alíquota zero ou reduzida.

Já a partir de 2027, será concedida a isenção do IRPF anual, com base no ano-calendário de 2026, para quem tiver rendimentos anuais tributáveis de até R\$ 60 mil. Os contribuintes com rendimentos tributáveis sujeitos ao ajuste anual entre R\$ 60.000,01 a R\$ 88.200 terão uma redução parcial, de forma decrescente quanto maior for a renda. **D**

*Lady Gaga reuniu 2 milhões de pessoas na orla do Rio de Janeiro em evento com projeção global*

# O Brasil está na moda

Muito mais que despertar paixão por símbolos já tradicionais, o país conquista interessados por sua cultura e hábitos e sobe dez posições no ranking global de soft power

Ana Carolina Nunes

**A**o longo das cerca de duas horas de sua apresentação na praia da Copacabana, no Rio de Janeiro, em maio deste ano para mais de 2,1 milhões de pessoas, Lady Gaga bradou 30 vezes 'Brasil!', usou um look verde e amarelo e, claro, abriu uma grande bandeira brasileira no palco. Pelo tamanho do público reunido em uma das orlas mais famosas do mundo, o evento ganhou projeção global. Este foi um dos momentos de 2025 que contribuiu como marco: ajudou a colocar o Brasil numa espécie de radar mundo afora não só como um destino turístico, mas também de referência em estilo e lazer. O país vem chamando a atenção em contexto internacional para além dos símbolos tradicionais.

Mais que praia, futebol e carnaval, o cinema e a literatura, além dos shows e outros esportes (como o skate e o surfe), contribuíram, em anos recentes, para o enriquecimento da marca e da influência brasileira globalmente. Conclusão importante de um estudo recém-lançado por um time de especialistas em marca é que, aquilo que começou como modismo da estética brasileira, avançou para uma forte presença da cultura do país internacionalmente. Nos últimos dez anos, o Brasil subiu dez posições no ranking global que mensura soft power – trata-se do poder de influência de um país por meio de sua cultura e de valores. Hoje o país está na 31ª posição do Global Soft Power Index.

O retrato está na segunda edição do estudo sobre comportamento e tendências 'Tá Quente, Brasil', da consultoria FutureBrand São Paulo. Ainda que o contexto não tenha contribuído para uma nova capa icônica sobre o Brasil na revista britânica The Economist, que estampou o Cristo Redentor decolando como um foguete em 2009, o país esteve em alta, com agenda positiva, na mídia internacional. "O cinema foi influência muito forte neste ano. O 'Ainda Estou Aqui', foi um marco histórico, não só por ter conseguido vencer um Oscar, mas por toda a mobilização cultural", disse Estela Brunhara, diretora de Consumer Behavior da FutureBrand São Paulo. Os shows com a proporção do produzi-



*A ginasta Rebeca Andrade conquistou fã mundo afora e é bicampeã olímpica*

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

do por Lady Gaga e por Madonna, este no ano passado na mesma orla carioca, contribuem muito porque a repercussão das apresentações é enorme. É que há a divulgação da experiência vivida em terras brasileiras não só por parte das cantoras via a mídia tradicional que as acompanha, mas também por parte de seus bailarinos e outros parceiros de espetáculo via imprensa e redes sociais.

Um auge para o reforço da marca-país no mercado internacional acaba por ser unanimidade entre especialistas e aconteceu em março, com o Oscar de Filme Estrangeiro para a produção 'Ainda Estou Aqui', de Walter Salles. Os gringos passaram a saber um pouco mais da parte histórica do país – ainda que conheçam uma de suas fases mais vergonhosas por retratar a história de busca por justiça pela família do deputado Rubens Paiva, morto pelo regime militar. O interesse pelo país ficou evidente, à parte do movimento dos próprios brasileiros nas redes sociais. O post da Academia norte-americana com a indicação de Fernanda Torres, que estreou como Eunice Paiva, esposa de

Rubens, ao prêmio de melhor atriz teve 1,2 milhão de curtidas.

Para efeito de comparação, a postagem com a indicação de Mikey Madison, que levou o prêmio como protagonista em Anora, não chegou a 80 mil. Estela Brunhara, da FutureBrand, comenta que emergem novos símbolos e referências. "Há uma ampliação do repertório do que significa ser o Brasil. O país deixa de ser reconhecido apenas por aqueles códigos historicamente mais cristalizados, como futebol, samba, praia, e passa a circular a partir de outros vetores culturais", continua. A brasilidade está na moda, tanto entre os brasileiros como internacionalmente, indica o estudo da consultoria.

Além do posicionamento no ranking de soft power, alguns dos principais pontos revelados pelo trabalho é que o Brasil segue como um país ícone de exportação, mas agora enviando ao mundo seu aspecto cultural e o ponto de vista sobre temas relevantes em campos distintos da política e economia. Há, ainda, uma troca mais forte de influências entre o que é nacional e internacional,

aponta o estudo. Enquanto os estrangeiros estão mais encantados com outros Brasis que vão além do samba e do futebol, o trabalho identificou também que o próprio brasileiro está mais atento às culturas regionais.

### Efeito turismo

Um dos termômetros desse momento verde-e-amarelo está nos nove milhões de turistas estrangeiros que o país recebeu em 2025, um recorde da série histórica iniciada em 1974. O número representa um crescimento de cerca de 35% em relação a 2024, quando 6,7 milhões de turistas de fora vieram para o país. A partir do fluxo histórico houve recorde também na receita registrada. O setor moveu pouco mais de US\$ 8 bilhões (cerca de R\$ 45 milhões) em comparação a US\$ 7,3 bilhões observados no ano passado.

"É importante destacar que o turismo já representa 8% do Produto Interno Bruto (PIB)", disse à IstoÉ Dinheiro o presidente da Embratur, Marcelo Freixo. A marca-país obteve outro destaque no turismo neste ano, vindo do World Tourism Barometer, da ONU Turis-



*Fernanda Torres e Walter Salles: primeiro Oscar para o Brasil em 2025 com a produção 'Ainda Estou Aqui'*

REPRODUÇÃO INSTAGRAM

mo, que apontou o Brasil como o maior crescimento turístico entre os principais destinos internacionais. Segundo a ONU, entre janeiro e setembro de 2025, o país registrou aumento de 45% nas chegadas internacionais, em comparação com o mesmo período de 2024. Com isso, ficamos à frente de destinos como Vietnã e Egito, Etiópia e Japão.

Muitos brasileiros anônimos têm comemorado a moda da brasilidade. Um deles é servidor aposentado João Carlos Fernandes Brito, de 68 anos. Ele percebeu o movimento no verão passado e teve uma ideia: criou uma sunga com a estampa da bandeira do Brasil. O sucesso foi tanto – entre brasileiro e gringos – que este ano ele dobrou a produção. “Vendi tudo além da estação. Segui vendendo o ano todo. Mando para outros estados e só não exporto porque tem a burocracia e o custo, mas se fosse mais fácil, eu mandaria para fora porque recebo pedidos do mundo todo”. Como acontece? É que um vídeo de Brito vendendo a peça na praia viralizou, e chegou a mais de 6 milhões de visualizações. Ele conta que estrangeiros encomendam a sunga a amigos que estão indo ao Rio de Janeiro. Cada uma sai por R\$ 130.

O efeito para os negócios vem acompanhado de um certo orgulho que o brasileiro não sentia há algum tempo. No esporte, Rayssa Leal, no skate, e Rebeca Andrade, na ginástica olímpica, são exemplos de atletas que têm contribuído para isso – e para o reforço da marca do país não só lá fora, mas dentro das próprias fronteiras do Brasil. O 18º levantamento Observatório Febraban (a Federação Brasileira de Bancos), divulgado em dezembro, indica 60% dos entrevistados avaliam que a imagem do Brasil melhorou.

Houve até contribuição recente da literatura. A tiktoker americana Courtney Henning Novak viralizou ao se encantar com o livro ‘Memórias Póstumas de Brás Cubas’, de Machado de Assis. Courtney havia se desafiado a ler um livro clássico de cada país, se organizando por ordem alfabética. E logo na letra ‘B’ ela ficou tão impactada com a obra que até hoje ainda a tem como o seu livro preferido. Não parou por aí. Ela leu outros livros brasileiros, aprendeu algumas palavras em português e atualmente assiste à novela Avenida



REPRODUÇÃO INSTAGRAM

*Rayssa Leal projeta o país como medalhista no skate*

Brasil, outro produto cultural tradicionalmente exportado pelo país, mas que nunca conquistou os Estados Unidos. Seus perfis, no TikTok e no Instagram, contam com a interação de milhares de brasileiros apaixonados.

Mais recentemente, outra artista também gerou muita mídia espontânea positiva para o país. Dua Lipa fez duas apresentações (São Paulo e Rio de Janeiro), mas sua passagem ficou marcada

pela agenda nas horas vagas. A cantora literalmente vestiu a camisa do Brasil, foi ao estádio, ao Cristo Redentor, a uma escola de samba, comeu farofa e biscoito Globo, e marcou presença no boteco com direito a caipirinha e baralho. Tudo registrado para seus onze milhões de seguidores nas redes sociais. Até os políticos estrangeiros ajudaram a divulgar o país. Pouco antes da Conferência do Clima, a COP30, realizada em Belém do Pará em novembro, o presidente francês Emmanuel Macron visitou a Bahia e sua passagem por Salvador gerou memes e mídia sobre a hospitalidade baiana.

Quem ‘falou mal’ também conseguiu engajar o país positivamente. O prefeito de Londres, Sadiq Khan, foi vítima da massa virtual verde e amarela ao criticar outro grande símbolo nacional, o guaraná – que ele considerou ‘horrível’. A repercussão foi tamanha que a primeira-dama Janja da Silva chegou a enviar um novo exemplar do refrigerante para Khan – se de fato ele mudou de opinião, como disse, não se sabe. Mas ele se justificou dizendo que não havia experimentado o guaraná da forma correta: gelado. A ‘retratação diplomática’ rendeu mais de 20 mil curtidas, contra pouco mais de 1,4 mil do post de agradecimento ao Brasil pela hospitalidade durante sua passagem por Belém para a COP30. Apesar das infundáveis adversidades, este foi um ano de colheita no campo de imagem para os brasileiros. **D**

REPRODUÇÃO INSTAGRAM



*A britânica Dua Lipa interagiu com Caetano, Brown e conheceu boteco e caipirinha*

*Bolsonaro ficou três meses em prisão domiciliar, por descumprimento de medidas cautelares*



SÉRGIO LIMA

# O destino de Jair Bolsonaro

Em um processo que definiu o papel do ex-presidente na trama golpista, o Supremo Tribunal Federal determinou pena de 27 anos e três meses de prisão para o ex-mandatário – um momento marcante na história política do país em 2025

*João Vitor Revedilho, de Brasília*

**E**ra fim de tarde do dia 21 de novembro, quando o ex-presidente Jair Bolsonaro começava a selar o próprio destino. Irritado com a tornozeleira eletrônica que usava desde julho, após descumprir medidas cautelares, Bolsonaro recorreu a um ferro de solda para derreter o equipamento – sem sucesso. Horas depois, teve sua prisão preventiva decretada. Foi convertida em prisão definitiva 72 horas depois. O julgamento do ex-mandatário foi um dos momentos mais marcantes da história política do Brasil em 2025. O ex-mandatário foi condenado a 27 anos e três meses de detenção pelos crimes de abolição violenta do Estado Democrático de Direito,

golpe de Estado, organização criminosa armada, dano qualificado e deterioração de patrimônio tombado.

Os desdobramentos do julgamento continuam repercutindo em Brasília, com a mobilização da direita para reduzir a pena do ex-presidente, via Projeto de Lei da Dosimetria, e com as movimentações em torno do herdeiro do legado de Bolsonaro, com vistas às eleições de 2026. T tamanha relevância dos acontecimentos, vale rememorar a sequência do que moveu boa parte da atenção da política nacional ao longo do ano. O fato é que Bolsonaro já sabia qual seria o seu destino meses antes de ser detido em uma sala especial da Superintendência

da Polícia Federal, na capital federal, onde cumpre a pena definida pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

Em uma conversa com aliados, ainda no começo de 2025, o ex-presidente admitiu que seria preso e pediu intensidade nas articulações pelo Projeto de Lei da Anistia, o qual visava conceder indulto aos envolvidos nos ataques do 8 de janeiro de 2023. Indiciado pela Polícia Federal (PF) em 21 de novembro de 2024, o ex-presidente tinha ciência de que não demoraria para ser denunciado por participar da tentativa de golpe de Estado após a derrota nas eleições de 2022. Além das provas coletadas pela PF durante as diligências, os investigadores associaram as ações da cúpula do Planalto aos atentados de 8 de janeiro, quando manifestantes pró-Bolsonaro invadiram e depredaram os prédios dos Três Poderes.

A denúncia veio no tempo esperado: em 18 de fevereiro. Por volta das 20h30, o procurador-geral da República, Paulo Gonet, enviou ao STF o pedido de abertura processual contra Bolsonaro e mais 34 pessoas por participação no plano golpista. Ao ex-presidente, por exemplo, foram imputados os cinco crimes já citados. Para conseguir avançar com os processos mais rapidamente e evitar a

## Os condenados

No núcleo central, o primeiro a ser julgado pelo STF, os condenados foram: Walter Braga Netto, ex-ministro e candidato à vice na chapa de 2022, 26 anos de prisão; Almir Garnier, ex-comandante da Marinha, 24 anos; Anderson Torres, ex-ministro da Justiça e ex-secretário de segurança do Distrito Federal, 24 anos; Augusto Heleno, ex-ministro de Segurança Institucional, 21 anos; Paulo Sérgio Nogueira, ex-ministro da Defesa, 19 anos; Alexandre Ramagem, ex-diretor da Agência Brasileira de Inteligência e ex-deputado federal (PL-RJ) – com mandato cassado –, 16 anos, 1 mês e 15 dias; e Mauro Cid, ex-ajudante de ordens da Presidência – e que fez delação premiada –, 2 anos, em regime aberto.

proteção do caso, como havia acontecido com o Mensalão – cujo julgamento durou cerca de dois anos –, o STF decidiu dividir as ações penais em núcleos. Bolsonaro estava logo no primeiro, o “núcleo crucial”, composto pela alta cúpula do Planalto na época de seu governo.

Cerca de um mês e meio depois da denúncia da PGR, o STF passou a analisar a peça. Enquanto aguardava o andamento do processo no Supremo, Bolsonaro articulou para o avanço de sua própria anistia. Ao mesmo tempo em que o líder do PL na Câmara, Sóstenes Cavalcante (RJ), tentava forçar o avanço do texto, o ex-presidente buscava emplacar a pauta nas ruas, sem sucesso, porém. A primeira manifestação convocada no Rio de Janeiro reuniu apenas 16 mil pessoas em Copacabana. Na avenida Paulista, apenas 12 mil compareceram ao ato.

Bolsonaro então sentou-se no banco dos réus no STF para prestar seu depoimento em 10 de junho. Frente a frente com Moraes, ele cometeu deslizes ao assumir ter se reunido com a cúpula militar, embora negasse qualquer participação na tentativa de plano de golpe de Estado. Em julho, o ex-mandatário foi alvo de uma operação da Polícia Federal por obstrução de Justiça, e medidas cautelares foram tomadas porque a PGR e a PF apontaram alinhamento e atuação conjunta de Bolsonaro e seu filho Eduardo para interferirem no andamento da Ação Penal 2.668, o processo por tentativa de golpe de Estado em 2022. Foi então que Bolsonaro foi obrigado a usar tornezeira eletrônica, além de ter sido proibido de usar as redes sociais.

O ex-presidente passou três meses em regime domiciliar até que o julga-



*Em uma manifestação, Flávio Bolsonaro colocou o pai em uma chamada de vídeo, um descumprimento de determinação da Justiça*

mento que durou duas semanas teve início em 2 de setembro. As falas dos ministros em um julgamento transmitido para o público foram longas. Moraes fez um longo preâmbulo e, após três horas, votou para condenar todos os réus no processo. Seu voto foi seguido por Flávio Dino, que deu o veredito antes da interrupção do julgamento até o dia seguinte. Já o próximo a votar foi o ministro Luiz Fux (a incógnita daquele momento). Embora ele tenha votado a favor da abertura do processo penal, vinha dando indícios de dúvida sobre a participação de Bolsonaro na trama nos bastidores do julgamento.

O voto de Fux durou 13 horas. Por fim, ele condenou apenas Mauro Cid, o ajudante de ordens do ex-presidente, inocentando os demais membros da cúpula. Mas a expectativa bolsonarista de reversão do quadro não durou muito. Na manhã seguinte, Cármen Lúcia deu o voto que condenou em definitivo o ex-presidente, seguida por Zanin. **D**

## Eleições 2026: xadrez político

Apesar de estar encerrado em sua prisão particular, Bolsonaro não se afastou das articulações políticas para as eleições de 2026. Pelo contrário. O ex-presidente começou a mexer suas peças no xadrez para preparar seu sucessor. No dia 5 de dezembro, Flávio Bolsonaro anunciou a escolha de seu nome para herdar o capital político do pai. A notícia pegou boa parte dos caciques políticos do país de surpresa, que esperavam a escolha de Tarcísio de Freitas como sucessor natural. Para o Centrão, Tarcísio conseguiria unificar uma candidatura de centro-direita com o apoio do mercado financeiro, apesar de o governador de São Paulo declarar que prefere disputar a reeleição ao Palácio dos Bandeirantes. A notícia impactou o mercado financeiro, e a bolsa de valores tombou. A Faria Lima, onde está fincado o poder econômico brasileiro, é mais pró-Tarcísio, avaliaram economistas. Flávio tem feito agendas públicas, aparecido mais para a imprensa e se articulado com o Centrão nos bastidores. A partir de janeiro, ele deve retomar conversas com o Centrão para avançar no apoio ao seu nome, apesar das resistências internas em partidos como Republicanos, PSD e uma parcela do Progressistas.



*Os ministros da Primeira Turma do STF atribuíram cinco crimes a Jair Bolsonaro*

ANTONIO AUGUSTO/STF

# As peripécias comerciais de Donald Trump

Ano foi marcado pela forma errática na condução da política comercial da principal economia do planeta, o que gerou desdobramentos para os campos diplomático, de negócios e de investimentos de países – incluindo o Brasil

Érica Polo

Um marco inegável em 2025 no que diz respeito ao comércio internacional é o estilo de negociar do presidente norte-americano Donald Trump. Um vai-e-vem (por vezes truculento no tom de seus anúncios), com surpresas da noite para o dia destina-

das aos diversos países com quem os Estados Unidos negociam foram noticiados praticamente todas as semanas desde que o empresário assumiu a presidência do país, em 20 de janeiro. A data mais importante foi o 1º de abril, classificado por ele como o “dia

da libertação”. É que, nesse dia, Trump anunciou tarifas comerciais recíprocas a mais de 50 países que cobram taxas para negociar com as companhias do mercado norte-americano.

Em meio aos anúncios, não só empresas exportadoras perderam os cabelos, mas governos e investidores (as bolsas americanas viveram verdadeiros chacoalhões) evidenciaram a tensão da política errática do norte-americano. O pacote tarifário causou dor de cabeça para as próprias empresas americanas, a exemplo de Apple e Nike, que têm fornecedores em países asiáticos cujas tarifas foram parar nas alturas. O Brasil

Trump anunciou elevação de tarifas a mais de 50 países que negociam com os EUA em abril



não sofreu um golpe imediato. Em abril, o país foi tarifado em 10% adicionais – o piso da lista de Trump, que cobrava 46% do Vietnã, 34% da China e 44% do Sri Lanka para citar alguns exemplos. O pior efeito para os brasileiros ocorreu em julho, após uma reunião dos BRICs (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) no Rio de Janeiro.

Logo após o fim de semana de reunião, o presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva fez declaração pública sobre o bloco de países terem ressuscitado um plano de zona de comércio comum sem o uso do dólar como moeda. Foi o suficiente para que Trump sacasse da manga sua arma tarifária. O Brasil ganhou tarifa extra de 40% a partir de agosto. Mesmo que o discurso do americano tivesse referência a uma suposta perseguição política sofrida pelo ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro, alinhado politicamente a Trump, a razão para o movimento de Trump teve fundo comercial. A sobretaxa comercial,



*Lula e Trump se reuniram pela primeira vez em outubro na Malásia para tratar do “tarifaço”*

RICARDO STUCKERT/TPR

## As tais terras raras

Tamanho a importância desses minerais, merecem capítulo à parte. Tomaram espaço no debate governamental não só entre Brasil e Estados Unidos – mas foram o cerne da mais recente negociação entre Donald Trump e o presidente chinês, Xi Jinping, no final de outubro, a qual resultou numa trégua comercial de um ano entre os dois países. A guerra comercial entre as duas maiores economias do mundo escalou em diversos momentos ao longo de 2025 – com a ameaça de imposição de sobretaxas comerciais que resvalaram os 150%, de ambos os lados. Nunca foram concretizadas.

As terras raras ganharam espaço por sua importância para as indústrias bélica e tecnológica. Preocuparam os Estados Unidos e outros países, cujos governos passaram a vociferar contra a China quando esta decidiu controlar o volume de minerais exportados e elevar as taxas de compra. No mundo, só a China tem a tecnologia para extrair esses elementos, além de ser a maior reserva no planeta. Atrás da China, só o Brasil tem tamanho estoque (contudo, não dominamos a

tecnologia para a extração). Mesmo que o assunto tenha se resolvido por ora, com a trégua comercial negociada com Xi, Trump e outros países importadores dos minerais sabem que terão de reduzir a dependência chinesa. O presidente americano, em recente tour pela Ásia e Oceania, não à toa, fechou acordos comerciais para garantir a obtenção desses minerais com os governos da Austrália e do Japão. Já havia celebrado outro em moldes similares com a Ucrânia, em abril.

Em meio ao imbróglio, o Brasil, que já vinha trabalhando na atualização de sua política para o setor mineral de olho em atender às demandas de transição energética, resolveu lançar o setor à mesa de negociações junto aos Estados Unidos. A questão é se o país tem (ou terá) condições num futuro próximo para ser um protagonista no debate global relacionado à cadeia de produção de matérias-primas tão específicas. O Brasil é a segunda maior reserva de terras raras do mundo, atrás apenas da China, com 21 milhões de toneladas – ou 23% das reservas globais – distribuídas por cinco estados-chave,

onde estão localizadas as principais jazidas, em Minas Gerais, Goiás, Amazonas, Bahia e Sergipe. Os chineses detêm 90% do mercado global de processamento de minerais raros.

Com a transição energética, a procura pelos minerais vai crescer. O disprosio, por exemplo, um dos elementos chamados de terras raras, é componente essencial para a fabricação de ímãs que estão entre os mais poderosos do mundo, por suas propriedades magnéticas únicas (e que permitem a produção de tecnologias potentes vitais para a transição energética), empregados em motores de carros elétricos, geradores de turbinas eólicas e sistemas de mísseis e aviões de caça – para citar alguns usos, explicou Fernando Gomes Landgraf, professor do Departamento de Engenharia Metalúrgica e de Materiais da Escola Politécnica (Poli) da USP, à IstoÉ. É preciso, contudo, acelerar o processo de desenvolvimento tecnológico. Sozinho, o Brasil levaria de 15 a 20 anos para conseguir chegar a uma metodologia própria para o refino de terras raras, concordam especialistas.

já revogada para a maior parte dos itens, afetava boa parte do agro brasileiro e o setor de máquinas.

O cenário só amainou depois de um encontro – quase sem querer – nos bastidores de um evento das Nações Unidas, no mês de setembro em Nova York, entre Lula e Trump. Segundo o americano, houve “química” entre os dois mandatários. Após o episódio uma série de reuniões ocorreram envolvendo articuladores dos dois governos. Os dois presidentes voltaram a se encontrar na Ásia ao final de outubro. “Tive uma ótima reunião com o presidente Trump. Discutimos de forma franca e construtiva a agenda comercial econômica bilateral. Acertamos que nossas equipes vão se reunir imediatamente para avançar na busca de soluções para as tarifas e as sanções contra as autoridades brasileiras”, escreveu Lula, logo depois do encontro com o mandatário americano na Malásia.

Até o dado mais recente público disponível até o fechamento deste texto, em 20 de novembro os Estados Unidos haviam retirado a sobretaxa de 40% imposta sobre 238 itens – entre eles, café, carne bovina e frutas. As informações foram detalhadas em um evento na Câmara Americana de Comércio para o

Brasil (Amcham) pelo vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, que também é ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). Havia, ainda, o desafio de retirar tarifas de máquinas, motores, produtos industrializados, madeira, muita coisa mesmo. À época, em suma, 22% dos produtos brasileiros exportados para o país continuavam sujeitos às taxas mais elevadas (50%). Antes do anúncio da retirada, feito no dia 20 por Washington, eram 36%.

A medida anunciada no dia 20 de novembro teve efeito retroativo, o que significa que todas as mercadorias retiradas de armazéns para consumo a partir de 12h01 (horário de Nova York) de 13 de novembro estavam isentas. Na ocasião do encontro na Amcham, Alckmin reiterou que as discussões com os Estados Unidos seguiriam. Brasil e Estados Unidos devem ressuscitar interesses comuns a partir da janela de negociações que foi aberta devido ao episódio das tarifas. No cardápio de ativos estratégicos, para resolver as questões comerciais, o Brasil sugere parcerias em terras raras, a instalação de data centers de empresas americanas, e a redução de barreiras à importação de etanol dos Estados Unidos.

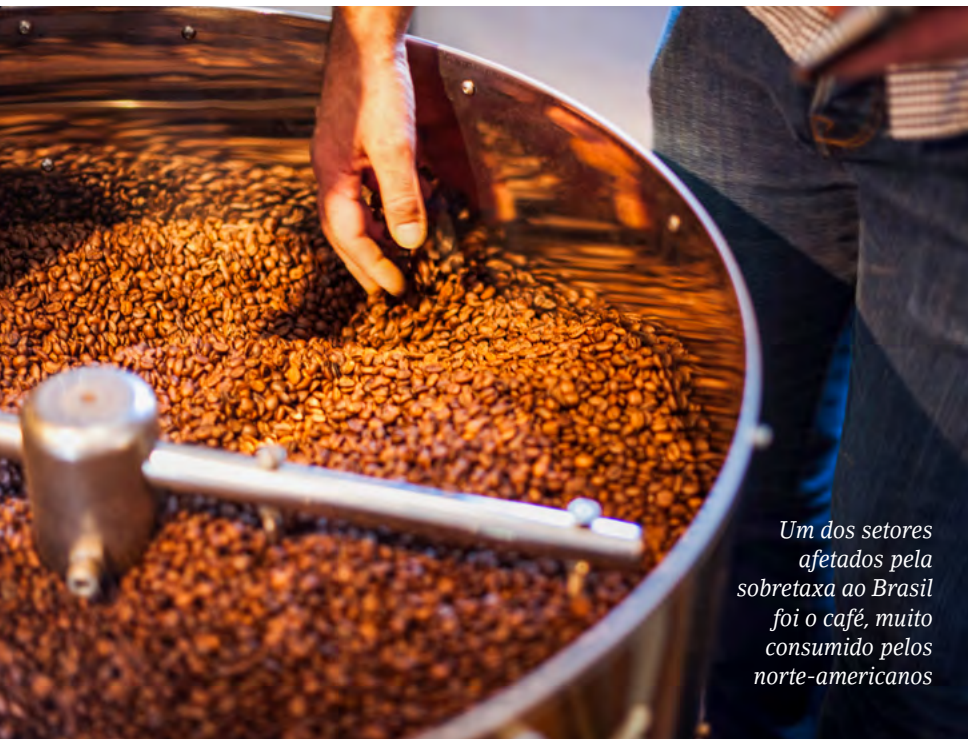
### Retomada diplomática

Depois do encontro entre Luiz Inácio Lula da Silva e Donald Trump no lobby do evento das Nações Unidas, ao final de setembro, teve início não só a negociação relacionada ao ‘tarifaço’ norte-americano – mas também a retomada de um relacionamento diplomático entre os dois países que chegou a ser rompido em 2025 pela primeira vez na história.

O primeiro passo no retorno das relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos foi dado na segunda-feira, 6 de outubro, quando os dois mandatários conversaram por telefone depois de três longos meses de impasse, sem diálogo entre as equipes brasileiras e americanas, após anunciada a sobretaxa extra de 40% em julho. Somada à tarifa de 10% anunciada no “dia da libertação”, em abril, o ‘tarifaço’ para o Brasil chegou a alcançar 50% em uma longa lista de itens e tirou o sono de muita gente. A primeira conversa entre os dois mandatários, por telefone, durou trinta minutos. Foi o primeiro diálogo oficial entre eles. Lula estava no Palácio do Alvorada quando recebeu a ligação de Trump, intermediada pelo Itamaraty. Ao seu lado estavam Geraldo Alckmin (vice-presidente), Fernando Haddad (Fazenda), Sidônio Palmeira (Secretaria de Comunicação), Celso Amorim (assessor especial) e Mauro Vieira (Itamaraty) – seu esquadrão para tratar de tarifas.

Lula sugeriu na ocasião que a taxa cobrada para o Brasil voltasse ao patamar de 10%, inicialmente anunciado para o país em abril. O fim das sanções sobre autoridades brasileiras, revogadas recentemente, entrou na lista de pedidos do presidente à época da conversa telefônica. No tom amistoso da conversa (diferentemente das afinetadas que vinham sendo distribuídas de um para outro via redes sociais ou via imprensa) ficou decidido que ambos os países avançariam em negociações. De um lado, o Planalto brasileiro escalou Alckmin, Haddad e Vieira para intermediar o acordo. A Casa Branca, por sua vez, indicou o secretário de Estado, Marco Rubio, para comandar as articulações pelos Estados Unidos. **D**

Com reportagem de Ismael Jales, João Revedilho e Luma Venâncio



Um dos setores afetados pela sobretaxa ao Brasil foi o café, muito consumido pelos norte-americanos

FREERICK

# Dinheiro no mundo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional

## Estados Unidos

### Agenda 'anti-woke'

Ao final do primeiro ano do atual mandato de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos, o governo do país abandonou de vez as políticas de diversidade. A Agência de Igualdade americana lançou a agenda "anti-woke", ou seja, a partir de agora homens brancos estão incentivados a denunciarem discriminação contra eles – e poderão buscar inclusive indenização. O termo "woke" é usado para quem está acordado para ações de conscientização sobre justiça social que envolvem racismo, sexismo e outras questões.

## Caribe

### Perseguição em alto mar

A guarda costeira dos Estados Unidos perseguiu no domingo 21, em águas do Caribe, um navio petroleiro ligado à Venezuela. O navio foi identificado pela imprensa norte-americana como o petroleiro Bella 1, que está sob sanções americanas desde 2024 por ter vínculos com o Irã e o grupo Hezbollah. Os norte-americanos interceptaram recentemente outros dois navios acusados de transportar petróleo venezuelano. O foco das operações é interceptar navios ligados a atividades que apoiam cartéis de países sancionados.

Rússia

## Encontro 'cara a cara' com Zelensky

O governo russo negou que haverá uma reunião entre o país, Kiev (Ucrânia) e Washington (Estados Unidos) com o objetivo de encerrar o conflito na Ucrânia, o qual chegará ao quinto ano. O presidente ucraniano, Volodimir Zelensky, afirmou no sábado, 20 de dezembro, que Washington havia proposto um encontro trilateral, o que seria a primeira negociação 'cara a cara' entre Moscou e Kiev em meio ano.

Espanha

## Associação quer processar o Google

Uma associação espanhola de direitos dos consumidores anunciou que iniciou ações legais preliminares contra o Google por supostamente coletar dados pessoais sensíveis e violar o direito à privacidade. A Associação de Usuários da Comunicação (AUC) diz que o gigante tecnológico americano coletou dados sobre opiniões pessoais, religião e/ou saúde de usuários de até 37 milhões de pessoas no país por meio de aplicativos e do sistema operacional Android. É um passo prévio à apresentação de uma ação coletiva contra as subsidiárias Google Spain e Google Ireland. Um porta-voz do Google disse que as acusações são "incorretas".



# 8,7 milhões

de empresas chegaram ao final de 2025 em situação de **inadimplência**, com dívida total de R\$ 204,8 bilhões em outubro, indicou um levantamento recém-divulgado pela Serasa Experian. É o maior volume de empresas endividadas em um ano. A situação é mais crítica no setor de serviços.

# R\$ 12 bilhões

é o valor que os **Correios** poderão obter em empréstimo com o aval do Tesouro Nacional. É inferior aos R\$ 20 bilhões que estavam nos planos, com autorização negada recentemente pelo caixa do governo federal. O dinheiro vai ser usado pela companhia em um plano de reestruturação.

# US\$ 108 bilhões

é quanto a **Paramount** ofereceu pagar em oferta hostil pela **Warner Bros. Discovery**. Mas esta declinou a proposta. Na negativa, o conselho de acionistas da Warner disse que a interessada havia "enganado consistentemente" a empresa, já que a proposta não é garantida. Depois disso, Larry Ellison (Oracle) ofereceu US\$ 40 bilhões como garantia pessoal para apoiar a proposta da Paramount.

# R\$ 98,5 bilhões

é a soma do valor de novos contratos de fornecimento de matéria-prima firmados entre a **Braskem**, uma das maiores petroquímicas do mundo, e a **Petrobras**. Serão fornecimentos de longo prazo, com validade de até onze anos. Um deles trata da venda de nafta petroquímica (um derivado de petróleo) para unidades da Braskem em São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul.

# R\$ 270 mil

é o **novo teto** do programa **Minha Casa Minha Vida** para os integrantes das faixas de renda 1 e 2 que morem em cidades com mais de 750 mil habitantes. Há outros dois patamares que foram reajustados para até R\$ 255 mil ou R\$ 260 mil, fator que varia a depender do tamanho do município.



Apesar de o juro alto atrair para a renda fixa, a B3 tem alternativas rentáveis

# As estrelas da bolsa brasileira

Entre 82 companhias que formam o principal índice da B3, 59 superaram a renda fixa em 2025. Já em três anos de governo Lula, 17 ações estão acima do CDI

O ano de 2025 foi, mais uma vez, o ano da renda fixa na praia dos investimentos. Mas a bolsa de valores brasileira, a B3, sempre reúne algumas empresas que superam os ganhos do Certificado de Depósito Interbancário, o CDI, que é o termômetro do mercado da renda fixa. Se observados apenas os 82 integrantes do Ibovespa,

que evidencia as ações mais negociadas, 72% das ações, ou 59 companhias, superaram o CDI no ano de 2025 – até o início de dezembro. Algumas empresas se destacaram, a exemplo de Cognia, do setor de educação, e o segmento de incorporação imobiliária, com destaques como Cury, Cyrela e Direcional. Em um recorte mais amplo, considerado todo o

período do atual governo de Luiz Inácio Lula da Silva, ou seja, de 2023 até 12 de dezembro, 17 ações conseguiram bater o CDI nesse período, indica um trabalho do economista Einar Rivero, CEO da Elos Ayta. No topo do ranking aparece a mineradora com foco em ouro e cobre Aura 360 (AURA33), que acumulou valorização de 884,15% no período, o melhor desempenho da amostra. Na sequência, o Banco Pine (PINE4) registrou alta de 839,80%, enquanto a Embraer (EMBR3) completou o pódio, com ganho acumulado de 513,29%.

Vale lembrar que ao longo de 2025 até 12 de dezembro, data em que foi concluído o levantamento, o CDI somava valorização de 13,6%, um ganho que superou o dos dois anos anteriores, quando avançou 13% (2023) e 11% (2024). Nos três anos juntos, o ganho chega a 42,34%. O patamar de filtro para a comparação com as ações que conseguiram, de forma consistente, superar a rentabilidade do CDI na bolsa ao longo do período do governo atual é elevado.



*Há destaques em setores distintos, como bancos, educação e incorporadoras*

LEANDRO MARTINS

O recorte considerou apenas os papéis com volume financeiro médio diário superior a R\$ 1 milhão, ou seja, que garantiram liquidez mínima às análises. As companhias integram três índices da B3, o Ibovespa, o Idiv (Índice de Dividendos) e o Small Caps (companhias com menor valor de mercado, contudo têm alto potencial de crescimento).

O levantamento mostra ainda que 16 das 17 ações tiveram valorização superior a 100% no período de três anos avaliado. Apenas a 3tentos (TTEN3), do setor de agricultura, ficou abaixo dessa marca, ainda assim com retorno acumulado de 91,03%, mais que o dobro do CDI no mesmo intervalo. Além disso,

quatro segmentos se destacaram porque aparecem com duas empresas representantes cada: água e saneamento (Copasa e Sabesp), bancos (além do já citado Pine, o BMG), material rodoviário (Marcopolo e Fras-Le) e seguradoras (Caixa Seguridade e Porto Seguro). Outros nove setores da economia figuram com apenas uma representante, reforçando a diversidade dos casos que conseguiram superar a renda fixa no período.

O levantamento da Elos Ayta, acrescenta Rivero, não faz juízo de valor nem carrega qualquer recomendação de investimento. Trata-se de uma constatação estatística, baseada em dados his-

tóricos, que descreve quais empresas conseguiram, em um ambiente de juros elevados, entregar retornos acima do principal indexador da renda fixa.

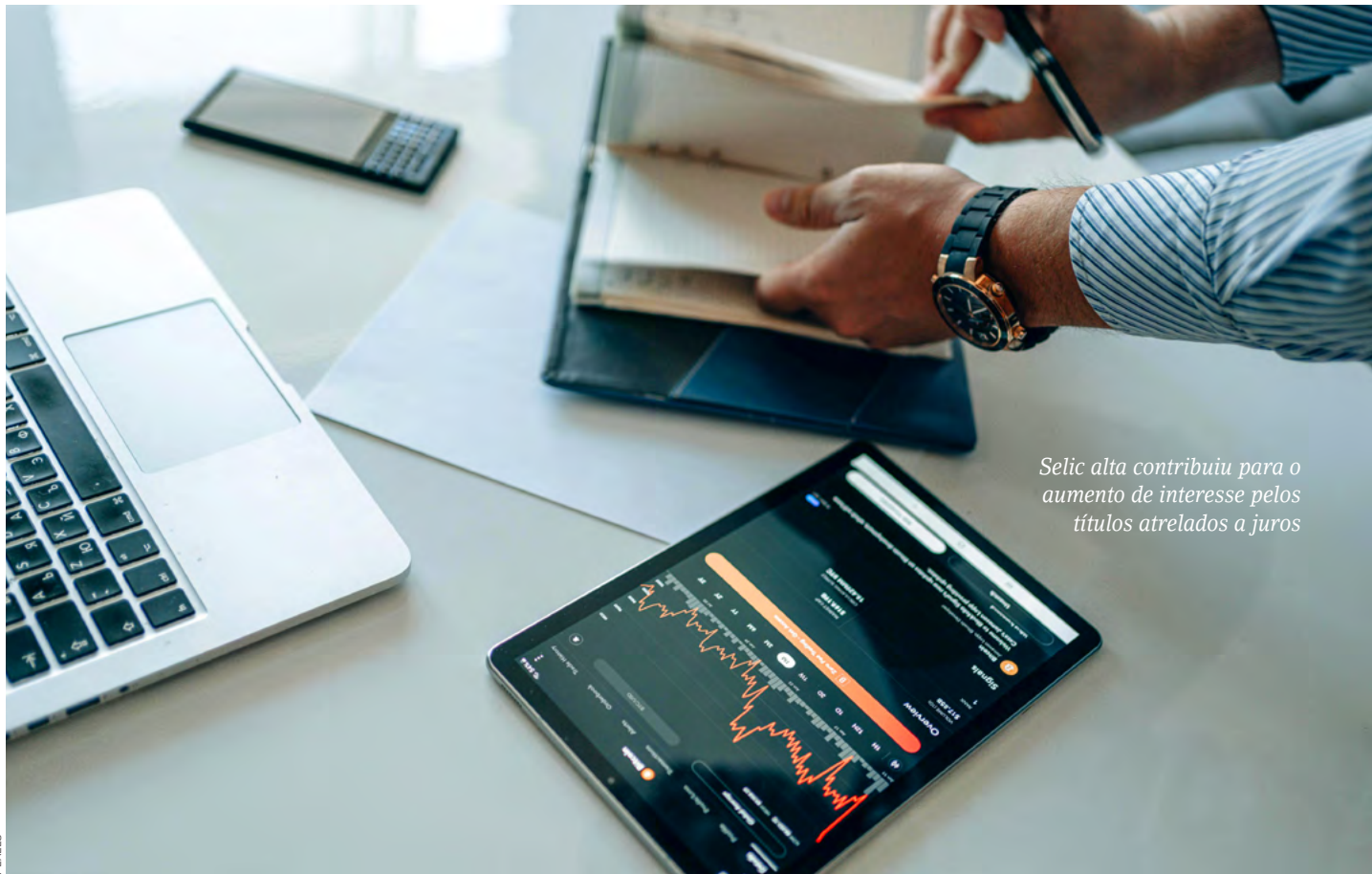
### O ano para a renda variável

No mercado de ações, o ano começou com preços deprimidos, reflexo de um ciclo prolongado de incertezas fiscais, juros elevados por muito tempo e crescimento econômico baixo nos anos anteriores. Com esse nível de desconto, parte relevante das ações passou a embutir cenários bastante conservadores. Entretanto, ao longo do ano, os sinais de estabilidade foram suficientes para destravar valor das companhias, ainda mais com temporadas de balanços que mostraram resiliência.

Outro fator importante foi a previsibilidade da política monetária. Mesmo com juros altos, o Banco Central conseguiu sinalizar com clareza o fim do ciclo de aperto e, em alguns momentos, a possibilidade de cortes graduais à frente. Esse tipo de comunicação costuma reduzir o prêmio de risco exigido pelos investidores e favorece ativos de maior risco. O mercado passou a olhar menos para o juro corrente e mais para o juro esperado em médio prazo.

A composição do Ibovespa também ajuda a entender o fenômeno. O índice é fortemente concentrado em empresas ligadas a commodities, bancos e grandes exportadoras. Em 2025, muitas dessas companhias se beneficiaram de receitas em dólar, custos mais controlados e balanços robustos. Mesmo sem forte crescimento econômico doméstico, conseguiram gerar caixa, pagar dividendos e sustentar resultados, o que se refletiu nos preços.

Vale e Petrobras, embora não estejam no topo dos ganhos acima do CDI, seguem na liderança entre os papéis mais negociados no Brasil. A primeira movimentou quase R\$ 2 bilhões por dia, um avanço de 7% em comparação a janeiro, já a Petrobras movimentou R\$ 1,2 bilhão diários, com um crescimento de 22% em relação ao negociado no início do ano, indica a Elos Ayta. A Petrobras ocupa o topo do ranking das melhores pagadoras de dividendos aos acionistas em 2025, mostra um trabalho da Grana Capital. Cemig, BB Seguridade e Bradespar integram o topo da lista. **D**



*Selic alta contribuiu para o aumento de interesse pelos títulos atrelados a juros*

# Mais um ano para a renda fixa

Títulos públicos trouxeram retorno um pouco superior a 23% no acumulado de 2025, a exemplo das LTN, NTN-F e NTN-B

Com a taxa básica de juros ocupando o centro do palco desde o início deste ano, o Certificado de Depósito Interbancário, o CDI, que acompanha a Selic bem de perto, voltou a assumir o papel de régua principal do investidor brasileiro. Até 12 de dezembro de 2025, dado mais recente obtido até o fechamento desta edição, a mediana do CDI no período do atual governo federal de

Luiz Inácio Lula da Silva ficou em 13,25% – mais que o dobro do observado durante o período do governo anterior, de Jair Bolsonaro, quando ficou em 5,5%. Houve outros retornos, acima dessa régua, como os títulos do governo que capturam a inflação e os juros, por exemplo.

O ponto é que o ambiente econômico de 2025 manteve a renda fixa no pedestal. É o tipo de investimento preferido

pela maior parte dos brasileiros porque há menos risco embutido em comparação aos ativos de renda variável – como as ações de companhias listadas na bolsa de valores. A média do CDI tem subido ano a ano. Em 2023, acumulou alta de 13,04%, enquanto em 2024 avançou mais 10,88%. Somente em 2025, até dezembro, somava valorização de 13,95%. No agregado dos três anos, o ganho fica próximo a 42%. Os dados são do economista Einar Rivero, CEO da consultoria Elos Aytá.

Com esse pano de fundo, títulos de renda fixa como o Tesouro Direto (títulos do governo federal), Certificado de Depósito Bancário (CDB), Letras de Crédito do Agro e Imobiliárias (CDA e CDI), além de debêntures (neste caso as incentivadas, que não cobram imposto, mas há mais risco porque são títulos de dívida de empresas) ficaram mais atraentes em 2025. O Tesouro Direto bateu recorde de atratividade de recursos neste ano. É o tipo de título que o investidor



*Metais preciosos  
bateram recordes com a  
instabilidade geopolítica*

## Recordes para ouro e prata

Embora os metais preciosos sejam classificados como investimentos de renda variável, são vistos como porto seguro. Por essa razão, em meio às turbulências geopolíticas mundo afora, a procura cresceu a ponto de alguns analistas observarem nesta reta final de 2025 que pode até faltar metal para atender a procura dos investidores. Os metais bateram sucessivos recordes ao longo deste ano. O interesse por ouro cresceu a ponto de despertar uma diversidade de investidores para além dos bancos centrais de países, que costumam comprar o metal com interesse em diversificação de ativos para reduzir a dependência do dólar.

A onça-troy, medida de negociação dos metais que equivale à compra de 31,1 gramas, do ouro ganhou perto de 70% ao longo do ano, e era cotada a US\$ 4,4 mil em contratos com vencimento em fevereiro de 2026 na bolsa de valores de Nova York (NYSE). Já a prata valorizou mais de 100% e chegou a US\$ 69/onça em contratos com vencimento em março do ano que vem na NYSE. Na bolsa brasileira há alternativas, a exemplo dos fundos de índice (ETFs) que replicam o desempenho do ouro e são negociados como ações. Há pelo menos cinco alternativas.

compra para emprestar dinheiro para o governo federal. Em outubro, que evidencia dados de setembro (os mais recentes) de acordo com o governo federal, o programa Tesouro Direto reunia montante aplicado de R\$ 196 bilhões em diferentes títulos, com alta de 36% em comparação há um ano antes.

Embora a maior procura no mês isolado de setembro tenha sido pelo Tesouro Selic, atrelado à taxa básica de juros do país, a maior parte do total no acumulado do ano (ou R\$ 99 bilhões) está aplicada em títulos atrelados a índices de preços. Os que remuneram conforme a taxa Selic e os títulos prefixados vêm a seguir no ranking do período que observa o desempenho entre janeiro e setembro. A base de investidores cresceu 20% em doze meses até setembro, totalizando pouco mais de três milhões de pessoas.

Se observados todos os títulos pú-

blicos federais, somando os prefixados, pós-fixados e indexados à inflação, o retorno até 22 de dezembro alcançou 14,25%, indica o IMA Geral, índice elaborado pela Anbima, associação que reúne agentes do mercado de capitais brasileiro. A informação foi entregue pela Elos Ayta. No detalhe de cada título, os destaques do ano foram as Letras do Tesouro Nacional (LTN), ou o Tesouro prefixado, e a NTN-F (Nota do Tesouro Nacional série F). Os dois títulos prefixados, negociados via programa Tesouro Direto, marcados a mercado (ou seja, com ajuste diário) e vencimento em cinco anos, entregaram retorno de 23,95% até 22 de dezembro. O segundo maior retorno é o das Notas do Tesouro Nacional série B (NTN-B) indexados à inflação oficial, o IPCA, somando juros. Neste caso, o retorno do título com prazo de trinta anos acumulou 23,39%. **D**

# Altos e baixos no mundo dos negócios

Movimentos que marcaram o universo empresarial no país e fora dele em 2025

## Cadê o Labubu?

Os monstros criados pela chinesa Pop Mart fizeram tamanho sucesso neste ano que até grandes marcas de luxo (como Louis Vuitton e Prada, para citar algumas) lançaram modelos de acessórios com Labubus como penduricalhos. Os brinquedos vendidos em caixas surpresa (onde o comprador não sabe o modelo que virá) aumenta a emoção do colecionador, e esse formato de venda foi um dos primeiros passos do sucesso do produto que acabou por impulsionar o valor de mercado da companhia chinesa. Mas, desde agosto, as ações da Pop Mart perderam perto de 40%. Os motivos? Produto de consumo passageiro e analistas apontando a desaceleração da economia na China.



Pop Mart fez sucesso estrondoso com os Labubus, mas as ações já perderam valor



## O inferno astral da Novo Nordisk

O ano de 2025 foi um divisor de águas para a dinamarquesa Novo Nordisk. A fabricante do Ozempic e do Wegovy, “febres” do consumo global para resolver o emagrecimento, viu suas ações tombarem praticamente pela metade ao longo do ano. As vendas da companhia foram impactadas pela concorrência da Eli Lilly, e de seu Mounjaro; por versões falsificadas e manipuladas de seu medicamento; e pela pressão mercadológica por baixa de preços nos Estados Unidos. De companhia queridinha global que impulsionou o Produto Interno Bruto (PIB) da Dinamarca em anos recentes à trajetória de inferno astral em 2025, a empresa tem um horizonte lotado de desafios daqui por diante.

*Ozempic chegou a impulsionar a economia dinamarquesa, mas neste ano as vendas globais desaceleraram*

### As 'batidas' na Faria Lima e o maior sonegador do país

Operações conjuntas entre órgãos públicos, via de regra unindo Polícia e Receita Federal, evidenciaram esquemas de empresas ligadas à Faria Lima (o coração financeiro do país) relacionados a crimes de sonegação e lavagem de dinheiro. Uma das batidas policiais ocorreu em agosto e incluiu a gestora de investimentos Reag, investigada no âmbito da Operação Carbono Oculto – a qual passou pente fino em fundos e fintechs por ligação com o Primeiro Comando da Capital (PCC). João Carlos Mansur, fundador da Reag, acabou vendendo sua participação após o episódio. Poucos meses depois foi a vez da carioca Refit, antiga refinaria de Manguinhos, pertencente ao advogado Ricardo Magro. A companhia deve à Receita cifra próxima a R\$ 26 bilhões, e é o maior devedor contumaz do país. Na esteira das operações da PF, neste caso batizada de Compliance Zero, também esteve o banco Master, de Daniel Vorcaro, com liquidação pedida pelo Banco Central. O banco é investigado pela emissão de títulos de crédito falsos.

### O fim entre Raízen e Oxxo

A Raízen – joint venture entre a brasileira Cosan, fundada por Rubens Ometto, e a britânica Shell – passou parte do ano bastante endividada, e se desfez de negócios. Um desses movimentos foi anunciado no início de setembro, quando a empresa inoformou o encerramento da parceria com a mexicana FEMSA na rede de lojas de conveniência Grupo Nós, que reunia, até então, a operação das redes Oxxo, Shell Select e Shell Café no país. Por fim, a FEMSA ficou com 611 mercados Oxxo e o centro de distribuição em Cajamar (SP), além de dívidas e caixa disponíveis do Grupo Nós. Já a Raízen manteve 1.256 lojas de conveniência Shell Select e Shell Café. A Raízen quer focar em seus negócios principais, como produção de açúcar e etanol, além da distribuição de combustíveis. A dívida ronda os R\$ 50 bilhões.

*A Raízen se desfez de negócios neste ano, entre eles, a rede Oxxo, onde tinha uma parceria com a mexicana FEMSA*



Master, Reag e Refit foram alvos de operações da Receita e Polícia Federal



### Desembarque em Nova York

Depois de um ensaio que durou anos, a JBS, gigante brasileira de proteínas comandada pelos irmãos Joesley e Wesley Batista, fez, em 2025, o movimento de listagem na Bolsa de Valores de Nova York (NYSE). A companhia negociou as primeiras ações por lá em junho. Isso aconteceu num momento em que os irmãos Batista reconquistaram parte da influência junto à elite econômica brasileira, depois de terem sido presos durante o escândalo de corrupção da Operação Lava Jato.

### Os novos Diniz do varejo

A gigante do varejo Grupo Pão de Açúcar (GPA) ganhou neste ano um novo controlador, a família mineira Coelho Diniz (que apesar do sobrenome nada tem a ver com o falecido controlador Abílio Diniz). Com 24,6% das ações, os irmãos André Luiz, Alex Sandro, Fábio, Henrique Mulford e Helton Coelho Diniz ultrapassaram o até então majoritário Casino (22,5%), e em outubro passaram a comandar o conselho da rede. A família dona de 22 lojas e um centro de distribuição em Governador Valadares (MG) tende a elevar a barra de retorno para novos projetos e a acelerar o fechamento de lojas com retorno sobre o capital investido que estejam aquém do custo de capital, disse um especialista.

### A super rede pet

O sinal verde para a compra da Cobasi pela Petz, que resultará na formação da maior rede de lojas de produtos e serviços para animais de estimação do Brasil (e uma das maiores da América Latina), foi dado pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) neste final de 2025. O novo grupo terá mais de 480 lojas no Brasil em cerca de vinte estados, e um faturamento combinado de R\$ 7 bilhões. A aprovação, contudo, foi condicionada ao cumprimento de exigências, o que inclui a venda de 26 lojas.



FOTOS DIVULGAÇÃO

Cade autorizou operação que cria a maior rede latina de lojas para pets



REPRODUÇÃO FACEBOOK

### Mais uma gigante global de alimentos

Fusão anunciada no primeiro semestre do ano, a Mafrig finalmente incorporou a BRF. A operação resultante tem receita anual de R\$152 bilhões e presença em 117 países com as marcas Sadia, Perdigão e Bassi, entre outras. A produção da MBRF é estimada em 8 milhões de toneladas de produtos. Quando anunciaram o acordo, as companhias projetaram sinergias de R\$ 805 milhões por ano de forma gradual em médio e longo prazos.

MBRF fatura anualmente cifra próxima a R\$ 152 bilhões e está em mais de cem países

### A disputa bilionária do entretenimento

A Netflix, que nasceu como uma locadora em 1997 e se tornou plataforma de streaming em 2007, fez uma proposta pela Warner Bros. Discovery neste final de 2025. O maior negócio do ano na indústria do entretenimento envolve cifras bilionárias: enquanto a Netflix ofereceu US\$ 72 bilhões, a Paramount chegou a fazer uma oferta hostil de US\$ 108 bilhões – esta última recusada pelo conselho de acionistas da Warner em dezembro. O cenário indica que 2026 pode começar com fortes emoções em Hollywood.

Netflix e Paramount brigam pela Warner Bros. Discovery

MONTAGEM COM FOTO CRIADA POR IA





O Parque da Cidade concentrou os debates da COP30. Lá, nasceu o Pacote de Belém, conjunto de 29 decisões aprovadas por consenso

# Caminho sem volta

Na COP30, Belém não entregou o roteiro para o fim dos combustíveis fósseis, mas mostrou que o debate seguirá por outras vias

*Jennifer Ann Thomas*

Mais de um mês depois do fim da conferência do clima da ONU, a COP30, o sentimento sobre os resultados obtidos ainda é ambíguo e amargo. Foram quase três anos de espera desde que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou, em novembro de 2022, na COP27, do Egito, a candidatura brasileira para sediar a conferência do clima. Entre 10 e 21 de novembro de 2025, aconteceu pela primeira vez uma COP em plena Amazônia, na capital paraense. O encontro terminou com a aprovação do chamado Pacote de Belém, mas sem avanços na questão central sobre o abandono dos combustíveis fósseis, uma discussão que surgiu du-

rante o evento. Há resultados importantes, mas não o suficiente para enfrentar a crise climática.

Nos meses que antecederam a conferência, um clima de incerteza pairava sobre a capacidade de Belém sediar uma conferência dessa magnitude. A rede hoteleira e os preços exorbitantes cobrados por hospedagens chegaram a motivar pedidos formais de delegações internacionais para transferir a sede. Diárias anunciadas por mais de R\$ 100 mil criaram um impasse que ameaçava esvaziar a participação de nações em desenvolvimento. O governo federal mobilizou navios-cruzeiro, reformou escolas e criou estruturas temporárias para am-

pliar a oferta de leitos, contornando parcialmente a crise às vésperas do evento.

Sediada no Parque da Cidade, a COP30 foi marcada por fatos inéditos. Além de ser a primeira realizada em plena Amazônia, a Zona Azul (espaço restrito das negociações diplomáticas) contou com um Pavilhão de Ciências Planetárias, área oficialmente dedicada à ciência. Copresidido pelos cientistas Carlos Nobre, do Brasil, e Johan Rockström, da Suécia, funcionou como “centro de comando científico”. Outra novidade foi a participação recorde de povos indígenas, com cerca de 900 representantes credenciados – número três vezes superior ao de conferências anteriores.



*Na abertura, Lula afirmou que é preciso estabelecer 'mapas do caminho' pelo fim da dependência de combustíveis fósseis*

RICARDO STUCKERT

O contexto geopolítico, porém, era desfavorável. A saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris e a ausência de representação oficial americana criaram um ambiente de incerteza. Mesmo assim, durante seu discurso de abertura para a COP30, Lula trouxe à mesa a discussão sobre um cronograma concreto para o fim da era do petróleo, gás e carvão. “Precisamos de mapas do caminho para que a humanidade, de forma justa e planejada, supere a dependência dos combustíveis fósseis”, declarou. A proposta ganhou apoio de 82 países, mas esbarrou na resistência de grandes produtores de petróleo.

O grande desafio das COPs é, justamente, o consenso: todos os 195 países precisam concordar. Na segunda semana, Lula retornou a Belém para tentar destravar impasses. O presidente teve reuniões bilaterais individuais com negociadores da União Europeia, países árabes, China, Índia, Indonésia e África, além de encontros com a sociedade civil e povos indígenas. A expectativa era que sua presença ajudasse a avançar no cronograma para o abandono dos combustíveis fósseis.

O imbróglio se intensificou nos dias finais. Inicialmente, a presidência brasileira divulgou um primeiro rascunho da Decisão Mutirão que mencionava o tal roteiro. No entanto, na madrugada da sexta-feira, 21, que seria, em tese, o último dia do evento, surgiu uma nova versão sem nenhuma menção ao termo “combustíveis fósseis”, o que provocou indignação imediata.

“Apesar de um grande número de países se unirem em torno de roteiros para acabar com a dependência – e do impulso dado pelo presidente do Brasil – as palavras estão completamente ausentes do texto mais recente”, declararam Carlos Nobre, Johan Rockström, Paulo Artaxo e outros cientistas em nota conjunta. “Isso é uma traição à ciência e às pessoas, especialmente aos mais vulneráveis.”

Além das tensões diplomáticas, a conferência enfrentou um incidente inesperado. A dois dias do fim das negociações, um incêndio atingiu a Zona Azul. As chamas começaram no Pavilhão dos Países, causando uma evacuação imediata. Treze pessoas foram atendidas por inalação de fumaça. Apesar

do susto, o fogo foi controlado em cerca de seis minutos, mas as atividades foram suspensas até a noite.

O documento final, aprovado nas primeiras horas de sábado, reflete essas contradições. O Pacote de Belém, conjunto de 29 decisões aprovadas por consenso, traz avanços importantes, mas omite a expressão que dominou os debates. Entre os resultados concretos, há o compromisso de triplicar o financiamento para adaptação climática até 2035, com ênfase na necessidade de países desenvolvidos ampliarem recursos para nações em desenvolvimento. Foram aprovados, ainda, 59 indicadores voluntários para monitorar o progresso da Meta Global de Adaptação.

A conferência também criou o Mecanismo de Belém para a Transição Global Justa, instrumento para apoiar países a garantirem que a mudança para economias sustentáveis seja inclusiva. Pela primeira vez, afrodescendentes foram explicitamente mencionados nos documentos oficiais, ao lado do papel dos povos indígenas na proteção florestal.

Um dos grandes destaques estava fora das salas de negociações: o Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF). Diferentemente dos modelos baseados em doações, o TFFF funciona como um fundo de investimento permanente: capta recursos públicos e privados que são aplicados em ativos financeiros de baixo risco, e os rendimentos – estimados entre US\$ 3 bilhões e US\$ 4 bilhões anuais quando plenamente capitalizado – são destinados a pagar países pela conservação de florestas tropicais. Com a meta de captar US\$ 125 bilhões, o fundo representa uma mudança de paradigma ao criar incentivos financeiros permanentes para manter florestas em pé, em vez de compensar pelo desmatamento evitado.

Quanto ao roteiro para o fim dos combustíveis fósseis, o presidente da COP30, embaixador André Corrêa do Lago, anunciou que a presidência brasileira trabalhará em dois documentos paralelos ao longo de 2026: um sobre florestas e clima, outro sobre transição energética. Embora fora das decisões formais, essas iniciativas mantêm vivo o debate.

Insatisfeitos com o ritmo para lidar com o elefante na sala, Colômbia e Ho-



*Um incêndio na Zona Azul, quase no encerramento do evento, causou evacuação imediata*

AFPTV/AFIP

landa anunciaram uma via paralela ao multilateralismo da ONU. Em 28 e 29 de abril de 2026, os dois países organizarão em Santa Marta, no país latino-americano, a Primeira Conferência Internacional para a Eliminação Progressiva dos Combustíveis Fósseis, com apoio de mais de 30 nações. O encontro funcionará como uma “plataforma complementar” à Convenção do Clima, reunindo governos, sociedade civil e cientistas. A iniciativa representa o reconhecimento de que o processo multilateral tradicional não está conseguindo cumprir seu papel na urgência exigida pela crise climática.

No balanço final, a COP30 evidencia as limitações do multilateralismo em produzir avanços estruturais, ao mesmo tempo em que aponta para novas vias paralelas de governança fora do âmbito da ONU. Os resultados ficaram aquém do esperado – conclusão que não é inédita nos últimos 30 anos de diplomacia climática. O que ficou mais evidente é que não há como não debater o caminho que precisa ser trilhado: a transição para longe dos combustíveis fósseis. Belém foi o ponto de virada para essa transformação.

### A COP das ruas

Enquanto diplomatas negociavam na Zona Azul, as ruas e rios de Belém testemunharam uma das maiores mobilizações sociais da história das conferências do clima. A COP30 reuniu cerca de 50 mil pessoas, com presença massiva de povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e movimentos sociais de 62 países.

A mobilização começou simbolicamente na manhã de 12 de novembro com a barqueata da Cúpula dos Povos. Mais de 200 embarcações percorreram a Baía do Guajará levando cerca de 5 mil pessoas em um “manifesto fluvial” por justiça climática. Povos Kayapó, Munduruku, Borari, Tupinambá, quilombolas, entre outros grupos sociais, uniram-se sob o lema “a resposta somos nós”. O ato marcou o início da Cúpula dos Povos, evento paralelo que reuniu 25 mil pessoas e mais de mil organizações durante cinco dias na Universidade Federal do Pará (UFPA).

A presença indígena foi especialmente marcante. Na terça-feira, 11 de novembro, manifestantes tentaram invadir a Zona Azul para protestar contra a exploração de petróleo na Foz do

Amazonas. Dias depois, cerca de 100 indígenas bloquearam a entrada principal da conferência, percorrendo o corredor central entoando cânticos. Suas reivindicações incluíam a revogação do decreto que prevê a privatização de hidrovias e a saída de empresas canadenses de territórios tradicionais.

“A manifestação que eles tiveram foi legítima”, declarou Ana Toni, CEO da COP30. “Se fosse em São Paulo ou Brasília, não teríamos indígenas participando dessa forma. Aqui, eles são protagonistas.” O ápice veio no sábado, 15 de novembro, com a Marcha Mundial pelo Clima. Cerca de 70 mil pessoas ocuparam as ruas de Belém, tornando-se a maior manifestação climática já realizada durante uma COP.

Outros atos simbólicos complementaram a programação do evento das Nações Unidas em Belém do Pará, como o “Funeral dos Combustíveis Fósseis” e o uso da Boiuna, figura da cultura amazônica, como símbolo de abertura de caminhos para as lutas das populações tradicionais. A mobilização deixou claro que a pressão por transformações estruturais vem cada vez mais das ruas, dos rios e das florestas. **D**



# Um novo recorde no campo

Safra agrícola brasileira de 2025 renovou patamar máximo de produção nas lavouras ao alcançar 350 milhões de toneladas, o maior em uma década

Uma mistura de bom clima e tecnologia contribuiu para que a safra agrícola de 2025 (ano safra 2024/25) no Brasil fosse marcada por um novo recorde de produção de grãos. Com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) apontando para volumes acima de 340 milhões de toneladas, houve um aumento de ao menos 8% em comparação ao ciclo produtivo de 2024, impulsionado pelos cultivos de soja e milho. Foi também um ano de expansão da área plantada e da produtividade por hectare cultivado. Para 2026, contudo, pode haver alguma desaceleração produtiva, já que o efeito La Niña sobre o regime de chuvas nesta reta final de ano deverá afetar as lavouras.

A produção do ano bateu o marco anterior observado em 2023 (ano safra 2022/23), quando os brasileiros colheram 325 milhões de toneladas. O volume alcançado agora, ademais, é o maior dos últimos dez anos, de acordo com o levantamento mais recente sobre esse ciclo produtivo divulgado pela Conab em setembro. Supera, ainda, em 16% o volume colhido em 2024. Via de regra, uma supersafra costuma impactar indiretamente os preços da cadeia de carnes. É que com o maior volume da safra, os preços dos grãos usados nas rações animais caem.

Se somada a produção nas cadeias de carnes à agrícola, o valor bruto de produção nas fazendas brasileiras em 2025 é calculado em R\$ 1,4 trilhão – alta de 11% em comparação ao ano passado. Somente

a produção de soja, carro-chefe do universo agrícola brasileiro, alcançou 171 milhões de toneladas, com alta de 13% mais do que na safra colhida em 2024. A área plantada cresceu quase 3%, mas foi a produtividade por hectare o fator que chamou a atenção, com alta de 10%. Ano a ano, os sojicultores têm investido em sementes com tecnologia embarcada e mais resistentes às intempéries climáticas e doenças que afetam as lavouras.

Já a produção da segunda safra de milho (a maior de três que são cultivadas ao longo de um ano civil), alcançou 112 milhões de toneladas, com avanço de 25% sobre a safra imediatamente anterior. A área plantada cresceu 6% e, a produtividade, 17%. Como se viu em lavouras de milho, o cultivo de arroz é outro a ser destacado em meio à variedade de grãos



*Avanço tecnológico e chuvas regulares contribuíram para o volume de grãos colhido na safra*

que o Brasil produz: a última projeção da Conab para esse ciclo indica 12,7 milhões de toneladas – ou 21% mais que o volume colhido na safra anterior. Produtividade e área cresceram 10%. Desse total, 8,7 milhões foram cultivados só no Rio Grande do Sul, que atingiu a segunda maior safra de arroz de sua série histórica.

Neste ciclo produtivo, ao contrário de safras anteriores, não houve impacto de adversidades climáticas. A temporada contou com chuvas regulares e bem distribuídas na maior parte das regiões produtoras, o que é ideal para o desenvolvimento das lavouras em diferentes áreas do país. O clima e os investimentos em tecnologia contribuíram ainda para o ganho de produtividade por hectare, onde houve aumento significativo na maior parte das culturas. Ela resulta não só de sementes com melhor genéti-

ca, mas de preparo de solo mais adequado e manejo eficiente (o trato da lavoura). É um conjunto que contribui muito para a produção de grãos e pode não se repetir em 2026 devido ao clima.

Ainda assim, o preço dos alimentos para o bolso do consumidor seguiu desafiador ao longo de 2025. É que a super-safra ajudou a segurar a inflação, mas não resolveu o problema, já que outros fatores pressionam o índice, como os custos de logística. Como a maior parte do volume da safra está colhida até metade do ano, foi então que os impactos começaram a ser vistos. É preciso considerar o tempo necessário entre a colheita, comercialização, processamento, logística de distribuição e exposição no varejo, lembrou Marcelo Cunha, professor e consultor de negócios na Faculdade de UNA, de Minas Gerais, em uma en-

trevista recente. Mais especificamente, a maior parte da safra de soja, a primeira safra de milho e a de arroz são colhidas até maio, e a comercialização para o mercado doméstico costuma se intensificar entre abril e junho.

Em novembro, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) subiu 0,18% - maior do que em outubro (0,09%) e mais baixa do que em novembro de 2024 (0,39%). Enquanto alimentos e bebidas recuou 0,01% no mês passado, e praticamente empatou com o resultado de outubro, transportes (um fator que também interfere nos preços do supermercado), subiu 0,22%, segundo os dados do IBGE. Alimentos e transportes foram os maiores “pesos” do indicador de novembro de 2025, o dado mais recente até o fechamento desta edição.

*Com reportagem de Ismael Jales*



# Invasão chinesa

Ano foi marcado por ofensiva de montadoras do país asiático de olho na transição energética – um forte movimento que acontece não só no Brasil

**A** ofensiva das montadoras chinesas, impulsionada pela transição energética, foi um marco deste ano no setor automotivo não só no Brasil, mas no mundo. Algumas montadoras com origem na China seguem com performance invejável apesar das inconsistências vividas no mercado interno asiático – o qual vive uma enxurrada de produção sem que o consumo dê conta. A montadora BYD, a mais bem-sucedida de todas elas, superou a marca de onze mil veículos vendidos no Reino Unido, por exemplo, neste segundo semestre – um crescimento de 880% em um ano. As ilhas britânicas já são o maior mercado para a companhia fora da China. A montadora chegou a estimar que as exportações alcancem entre 800 mil e 1 milhão de veículos neste ano, ou 20% de suas vendas totais. Parte da enxurrada de

carros elétricos está vindo para o Brasil, a preços extremamente competitivos.

Isso porque sobram veículos elétricos no mercado interno chinês. Entre os brasileiros, pode-se dizer que um movimento mais forte teve início em 2021, com o desembarque da BYD – hoje a líder no país, com vendas não só de elétricos, mas também de híbridos. A montadora, aliás, inaugurou sua primeira fábrica no Brasil em Camaçari (BA), no mês de outubro, em uma cerimônia que teve a presença do presidente da República, Luiz Inácio Lula a Silva, e do CEO global da BYD, Wang Chuanfu. Por ora, os carros montados ali chegam praticamente prontos da China. É que, durante um ano, a operação vai funcionar no sistema SKD (Semi Knocked-Down), ou seja, com peças semidesmontadas, e importadas da sede internacional.

A planta vai evoluir gradualmente para uma produção nacional completa – que inclui estampagem, soldagem, pintura e aumento do conteúdo local. A BYD também já anunciou a qualificação de 106 empresas instaladas no Brasil para fornecer peças para a fábrica na Bahia. Essa unidade foi utilizada pela Ford entre 2001 e 2021 – de onde saíam modelos como o Ka e EcoSport – e entregue ao governo da Bahia em outubro de 2023, posteriormente cedida à montadora chinesa. O aporte no complexo de Camaçari soma R\$ 5,5 bilhões e há expectativa de que sejam gerados dez mil empregos, entre diretos e indiretos. Quando todas as fases estiverem concluídas, o projeto deve gerar até 20 mil empregos.

Houve, ainda, uma lista de lançamentos de veículos chineses, sobretudo



*GWM a todo vapor: indústria inaugurou uma fábrica no Brasil em 2025*

MAXIM SHERMETOV/REUTERS

## Um retrato da China

A maioria das concessionárias chinesas está abarrotada. Analistas do setor automobilístico já disseram enxergar um mercado doméstico chinês com excesso de oferta – e apontam para a potencial reviravolta que reflete a turbulência no mercado imobiliário e na indústria solar da China. “Quando há uma diretriz de Pequim de que este é um setor estratégico, todos os governadores provinciais querem a fábrica de automóveis. Eles querem estar em boa situação com o partido”, disse Rupert Mitchell, comentarista de macroeconomia baseado na Austrália, que trabalhou anteriormente em uma startup chinesa de veículos elétricos. A crise iminente tem implicações maiores para a economia chinesa, onde a indústria automobilística e serviços relacionados já representam cerca de um décimo do Produto Interno Bruto (PIB). A ociosidade do setor é impressionante: as montadoras chinesas têm capacidade fabril para produzir o dobro dos 27,5 milhões de carros feitos no ano passado, segundo a consultoria Gasgoo Automotive Research Institute.

elétricos. Vale lembrar que é uma tendência de anos recentes. A chegada do SUV elétrico Tan, em 2022, mudou o cenário e encorajou outras montadoras a entrarem no Brasil. Antes disso, o mercado só contava com duas marcas, a Caoa Chery e a JAC Motors, cujos modelos a combustão não tinham muita expressão em meio aos produzidos pelas marcas tradicionais. O impulso veio mesmo com os elétricos e hoje as montadoras chinesas têm mais de metade em market share entre os eletrificados no Brasil (57%), e 10% do total. Os investimentos por aqui, o que inclui fábricas, se aproximam de R\$ 30 bilhões aportados entre 2023 a 2032. Até setembro de 2025, a BYD havia comercializado pouco mais de 23 mil unidades do híbrido Song e cerca de 19 mil unidades do Dolphin Mini, segundo a Associação Brasileira do Veículo Elétrico (ABVE). Entre outubro e novembro, contudo, as vendas de elétricos no país recuaram 8% (para 7,2 mil veículos), dados da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve). As vendas não estão acompanhando o volume de lançamentos – é inclusive um movimento global.

Vale pontuar que, além da BYD, outras marcas, como a Caoa Chery e a Gre-

at Wall Motors (GWM) têm fábricas em território nacional. Já a GAC e a Omoda & Jaecoo, desembarcaram recentemente, mas planejam instalar unidades locais nos próximos anos. Na lista de novidades recentes, a GAC desembarcou oficialmente no Brasil em maio de 2025 com cinco lançamentos: os elétricos Aion ES, Aion V, Aion Y e Hyptec HT, e o híbrido GS4. A empresa prevê a instalação de uma fábrica local nos próximos anos. Tamanha agitação leva a crer que o Brasil é uma mina de ouro para as montadoras chinesas. Mas algumas acabaram fracassando em sua tentativa de desembarque por aqui. A Neta Auto, que já vinha dando sinais de que estava próxima de deixar o Brasil, sumiu de vez, inclusive do mundo on-line com a desativação de seu site e perfil no Instagram. A Seres encerrou as operações no Brasil em 2025, após vender apenas seis carros no país.

Com todo seu poder de fogo, o setor automotivo chinês e suas filiais espalhadas mundo afora começa a vislumbrar no horizonte um momento de inflexão. Agentes setoriais começam a ver com desconfiança o potencial de consumo nos mercados globais para o volume colossal de automóveis hoje produzido na China – que joga cada vez mais para baixo os patamares de preços mundo afora. Já se sabe, ao menos por ora, que um dos passos futuros, por parte da China, será criar mecanismos de seleção para restringir os veículos exportados para proteger a reputação das marcas – essa restrição poderá mexer com os preços.

Os vendedores de carros elétricos deverão seguir regras do governo chinês que determinam que apenas as montadoras e suas empresas autorizadas solicitem licenças de exportação, movimento válido a partir de 2026. No mais estrito darwinismo corporativo, seleção é um caminho natural para as marcas. Projeção recente da consultoria AlixPartners aponta que apenas 15 das 129 marcas de veículos elétricos e híbridos chineses serão financeiramente viáveis até 2030. Um movimento é certo: ganhará tração a reestruturação setorial, com o desaparecimento de algumas indústrias e a consolidação entre outras – algo que já começou mundo afora. **D**

# Lotação esgotada

Número de festivais de música e shows cresceu país afora em 2025, mas o consumo por pessoa nesses eventos não decolou – e recua desde 2023

*Matheus Almeida*

O ano foi marcado por festivais de música espalhados pelo país. Entre eles, 2025 foi ano de Lollapalooza e The Town, além de apresentações individuais como a de Shakira, Oasis e Linkin Park (para citar apenas alguns nomes). Apesar da lotação dos shows, com ingressos esgotados em minutos, o brasileiro gastou menos com comida e bebida nessas ocasiões – pelo menos se observado o primeiro semestre do ano. Dados parciais da plataforma de pagamentos Zig, que presta ser-

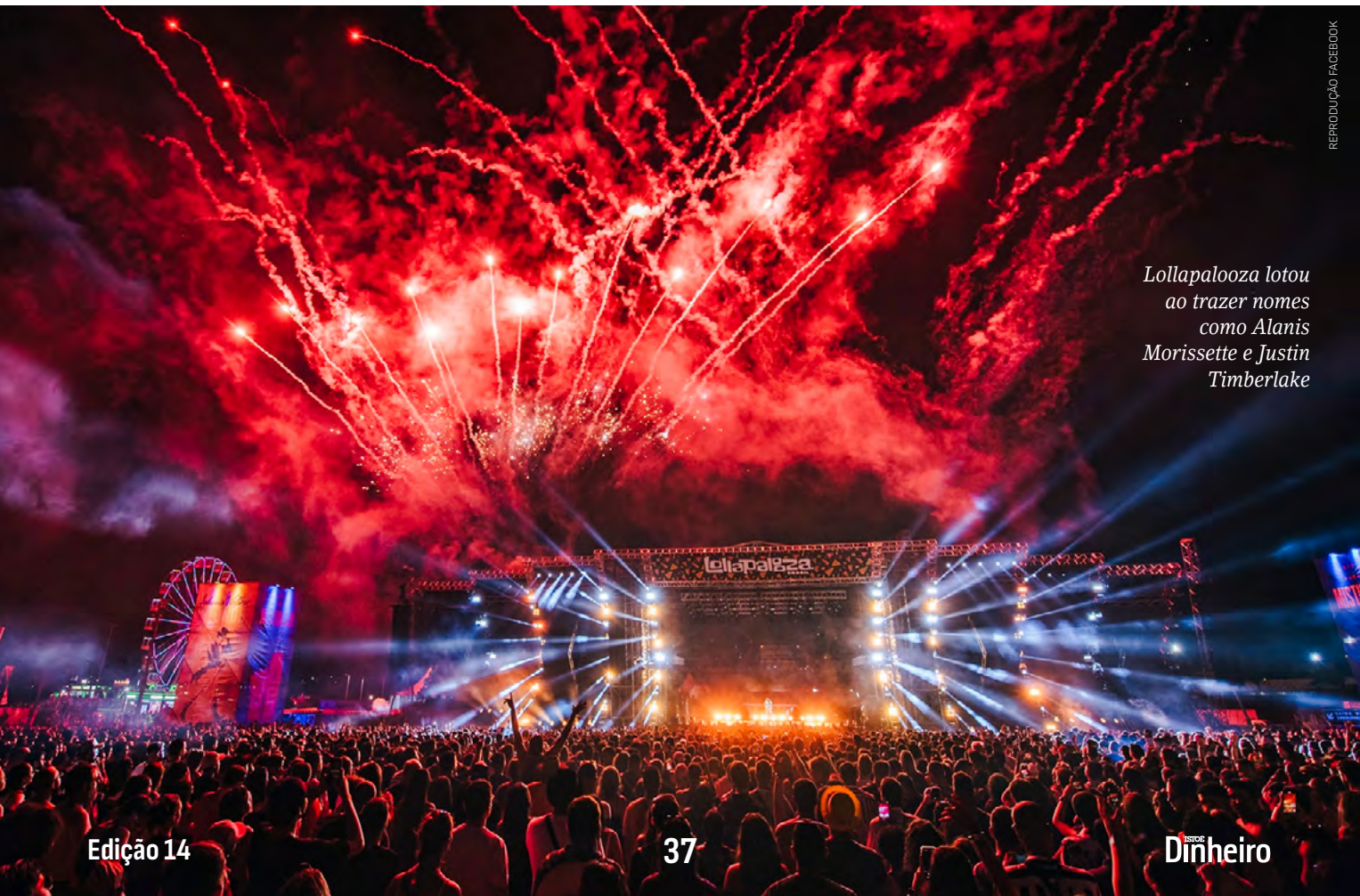
viços para grandes marcas de festivais, mostram que, ao ir a um show, cada pessoa desembolsou R\$ 231, em média, nesses itens.

O estudo foi elaborado pela Zig para a IstoÉ Dinheiro e é o mais recente. A plataforma atende atualmente 111 marcas de festivais no país, incluindo grandes nomes como Rock In Rio, Lollapalooza, The Town e o Rodeio de Barretos. Trata-se de uma fornecedora de soluções financeiras e de gestão de estoque, que disponibiliza comandas em formato

de cartão e sistemas de vendas conectados para operação de grandes eventos.

Embora venha ocorrendo mais eventos em anos recentes, num movimento de retomada pós anos de pandemia, o volume consumido por pessoa vem recuando. A média do período observado em 2025, de R\$ 231, é 4% menor do que o gasto médio registrado por pessoa em 2024. Vale acrescentar que, em comparação a 2023, a diferença é ainda maior – de quase 10% –, já que o ticket médio foi de R\$ 256 por pessoa naquele ano. As hipóteses para a diminuição estão relacionadas a mudanças nos hábitos do consumidor. A plataforma aponta um movimento em favor da saudabilidade, que diminui os gastos com bebidas alcoólicas.

Outra curiosidade detectada pelo estudo, e relacionada à busca por saú-



*Lollapalooza lotou  
ao trazer nomes  
como Alanis  
Morissette e Justin  
Timberlake*

REPRODUÇÃO FACEBOOK



*Oasis voltou a se apresentar em 2025 depois de uma ruptura de 16 anos*

JOSHUA HALLING

de, foi o aumento dos pedidos de água mesmo com a Lei Ana Benevides. Em vigor desde novembro de 2024 no Rio de Janeiro, a legislação tornou obrigatória a distribuição de água potável gratuita em eventos de grande porte – um fator que também pode impactar os dados. Projetos semelhantes a esse tramitam no Congresso Nacional e em assembleias legislativas estaduais, e muitos eventos em outros estados passaram a distribuir água por iniciativa própria. Ainda assim, enquanto em 2023 a compra de água foi de 2,10 unidades per capita, em 2025, o número é de 2,25/pessoa.

A diminuição do ticket médio de consumo, no entanto, levanta uma outra hipótese menos positiva na leitura de organizadores dos festivais. “O mercado todo acredita, mas ainda não temos dados para falar sobre isso, que o crescimento das bets roubou um pouco da fatia do orçamento que ia para os festivais. É que os dois são entretenimento”, afirma David Pires, CTO da Zig. Ainda que o consumo per capita nos festivais

tenha recuado no período observado, o total consumido vem crescendo, continua Pires. É que a agenda dos festivais veio engordando em anos recentes do período pós-pandemia. Os dados consolidados pela Zig nos últimos três anos, até o primeiro semestre de 2025, mostram que os gastos chegam a R\$ 978 milhões. Considerando que os maiores eventos do ano acontecem na segunda metade do ano – como o The Town e o Rodeio de Barretos neste ano – a expectativa é que o total consumido ultrapasse R\$ 1 bilhão.

Os números são motivos de comemoração para um setor que foi duramente golpeado pela pandemia nos anos de 2020 e 2021. Segmento em recuperação, com mais volumes de eventos, em 2023 os participantes dos festivais gastaram R\$ 391 milhões. Em 2024, a cifra subiu para R\$ 467 milhões e, neste ano, apenas no primeiro semestre foram gastos R\$ 120 milhões pelos participantes – e a plataforma identifica tendência de crescimento contínuo.

Pires conta que houve um “boom” de eventos em 2022, seguido por um declínio no ano seguinte. Muitos deixaram o segmento já que não havia muito mercado. Mas desde o final do ano passado, no entanto, ele conta que o setor reencontrou um crescimento sustentável. O relatório da Zig reúne dados desde 2023, quando houve quase 300 festivais mapeados. Em 2024, o número ultrapassou 400 e, neste ano, apenas no primeiro semestre, foram mais de 200.

O ano de 2025 teve a agenda cheia de festivais e também foi regado de retornos. Em 2025, o Lollapalooza Brasil trouxe Olivia Rodrigo, Justin Timberlake, Alanis Morissette e Shawn Mendes entre os nomes que se apresentaram, e o The Town, que aconteceu em setembro, reuniu Green Day, Katy Perry, Mariah Carey entre outros. Entre os shows isolados, o Linkin Park voltou ao Brasil, assim como System of a Down, Lady Gaga, Kendrick Lamar e o Oasis – que voltou a tocar neste ano mundo afora depois de um rompimento em 2009. **D**

# Walter Salles, salário do Papa e Heineken

De onde vem a fortuna do diretor de "Ainda Estou Aqui", como os Papas sobrevivem e a nova cervejaria da marca holandesa estão entre os destaques das redes sociais

Stephanie Mecco

## Anbima inclui IstoÉ Dinheiro em ranking de veículos mais influentes sobre investimentos

A IstoÉ Dinheiro está entre os destaques da nova edição do Finfluence, relatório semestral da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais, que aponta as empresas e pessoas mais influentes sobre finanças nas plataformas digitais. O relatório Finfluence, que está em sua 9ª edição, monitora a atuação de influenciadores de finanças nas redes sociais desde 2021. Nesta edição, foram analisadas 432,7 mil publicações.



5mil 29

## De onde vem a fortuna de Walter Salles

Walter Salles, diretor do longa-metragem "Ainda Estou Aqui", que trouxe o primeiro Oscar para o Brasil, é o terceiro cineasta mais rico do mundo, ficando atrás apenas de George Lucas e Steven Spielberg. Salles integra uma das famílias mais ricas do Brasil, controladora do Itaú Unibanco. Os Moreira Salles têm quatro membros na lista da Forbes, com patrimônios individuais bilionários. A família tem outros negócios, como a mineradora CBMM.



2,1 mi 125mil

## Dinheiro Minuto: Salário do Papa

O Papa não recebe salário. Toda a moradia, alimentação e despesas são custeadas pelo Vaticano. No caso do Papa Francisco, que faleceu recentemente, o estilo de vida era mais humilde, já que ele fez voto de pobreza por pertencer à Companhia de Jesus. Apesar de ser um território pequeno, o Vaticano administra milhares de imóveis, museus e investimentos por meio da APSA e do Banco do Vaticano.



426 mil 19 mil

## Primeira mulher CEO do futebol fala sobre trajetória no Fluminense

Diretora jurídica do Fluminense e primeira mulher a assumir o cargo de CEO em uma instituição do futebol brasileiro, Roberta Fernandes construiu uma trajetória marcada pela quebra de barreiras em um ambiente historicamente masculino. Segundo ela, assumir oficialmente a direção foi um dos grandes marcos de sua carreira.



49 mil 824



110 mil 1,5 mil

## Elas criaram o primeiro drink nacional com adaptógenos

As influenciadoras Bertha Jucá e Victória Linhares, fundadoras da LUCIA, lançaram o primeiro aperitivo não alcoólico do Brasil com adaptógenos, unindo saúde e experiência sensorial. Em menos de um mês, a marca vendeu sete mil litros e esgotou três lotes consecutivos.

www.istoedinheiro.com.br

TikTok: tiktok.com/@revistaistoe

Instagram: instagram.com/istoe\_dinheiro/

LinkedIn: linkedin.com/company/istoe-dinheiro/

YouTube: m.youtube.com/@istoe\_dinheiro

X: x.com/istoe\_dinheiro

Facebook: facebook.com/istoedinheiro

### Wesley Batista elogia Lula por abertura de mercados externos

O empresário Wesley Batista, do grupo J&F, controlador da JBS, afirmou que o Brasil “tem a felicidade” de ter Lula como presidente, destacando a abertura de mercados externos para produtos brasileiros, especialmente do agronegócio. A declaração foi feita durante a inauguração da nova sede da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), em Brasília, onde Batista ressaltou que a atuação do presidente tem sido um diferencial para o setor.



### Dinheiro Minuto: Nova fábrica da Heineken em Minas Gerais

A Heineken inaugurou sua nova fábrica em Passos, no interior de Minas Gerais, com investimento de R\$ 2,5 bilhões, marcando um novo capítulo para a cidade e para a cervejaria no Brasil. A planta inicia a produção com capacidade de cinco milhões de hectolitros por ano, o equivalente a 500 milhões de litros, e já nasce com planos de expansão para triplicar esse volume, tornando-se uma das cinco maiores unidades do grupo no mundo. O projeto se destaca pelo foco em sustentabilidade, com 100% da energia proveniente de fontes renováveis, reaproveitamento de água, uso de caldeiras de biomassa e ações ambientais voltadas ao Ribeirão Bocaina. A operação reforça o peso do Brasil na estratégia global da Heineken, que hoje tem o país como seu maior mercado.



### Cintia Abravanel fala sobre Silvio Santos

Cintia Abravanel relembra momentos marcantes de superação em sua trajetória pessoal e uma conversa emocionante com o pai, Silvio Santos. A artista conta que, mesmo à distância, ele sempre esteve presente, transmitindo valores que carrega até hoje, como nunca se achar melhor do que ninguém e entender o sucesso como resultado de um trabalho bem feito.



### Psicólogas brasileiras criam aplicativo para apoiar famílias de pessoas com autismo

As psicólogas Leila Bagaiole e Claudia Romano desenvolveram o Meu Diário TEA, um aplicativo gratuito criado para apoiar famílias e cuidadores de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. A ferramenta reúne conteúdos sobre alimentação, comportamentos desafiadores e comunicação funcional, além de escalas de autoavaliação que ajudam a acompanhar o desenvolvimento e os avanços no dia a dia.



### No Brasil a conta não fecha

Em entrevista ao Dinheiro, Caito Maia afirmou que a Chilli Beans concentra toda a produção na China, não por escolha, mas porque fabricar no Brasil não compensa financeiramente. Segundo ele, a empresa chegou a produzir 20% no país, mas desistiu devido à carga tributária, à burocracia e às questões judiciais, que tornam o produto nacional mais caro do que o produzido em solo chinês. Atualmente, a operação ocorre em cinco fábricas na cidade de Wenzhou, que, apesar de ter mais de 700 fábricas e 10 milhões de habitantes, é considerada pequena para os padrões chineses. Caito também criticou os juros elevados no Brasil e afirmou que a Selic nesse patamar ameaça o varejo, resumindo que “não sufoca, mata”.

## Palavra por palavra



**“Uma intervenção armada na Venezuela seria uma catástrofe humanitária para o hemisfério e um precedente perigoso para o mundo”**

**Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente do Brasil, sobre a pressão norte-americana à Venezuela

**“Não descarto”**

**Donald Trump**, presidente dos Estados Unidos, sobre a possibilidade de uma guerra contra a Venezuela



**“O presidente [Lula] disse que, enquanto for presidente não privatiza [os Correios], mas que está aberto a parcerias”**

**Fernando Haddad**, ministro da Fazenda, sobre a crise dos Correios



**“[O segredo é] apenas fazer o óbvio bem feito”**

**Diego Puerta**, presidente da Dell no Brasil, sobre o desempenho para alcançar a liderança em segmentos onde atua



**“Os palpites alimentam a ilusão de que, se Lula não falar do tema [segurança pública], não será cobrado; mas será, porque é o principal problema do Brasil”**

**Tabata Amaral**, deputada federal (PSB-SP), em entrevista à IstoÉ



# A economia brasileira já está operando em pleno emprego?



**Bruno Imaizumi**

é economista da  
4intelligence

A pergunta que muitos economistas tentam responder nos últimos tempos é se a economia brasileira já chegou ou se opera abaixo do pleno emprego. A situação de pleno emprego ocorre quando a taxa de desemprego chega a um nível próximo da chamada taxa de desemprego neutra. A taxa de desemprego neutra, ou NAIRU (Non-Accelerating Inflation Rate of Unemployment), é aquela em que a inflação não acelera nem desacelera, refletindo fricções naturais do mercado de trabalho, como buscas por melhores vagas ou mudanças estruturais. Ela não é zero, pois inclui desemprego friccional e estrutural inevitáveis em economias modernas.

Para afirmar se a economia brasileira opera em pleno emprego, é preciso estimar o nível dessa taxa, que não é observável com dados reais. A NAIRU é inferida por modelos econométricos que relacionam variáveis como inflação, crescimento, e participação no mercado de trabalho. Esses modelos apontam atualmente uma NAIRU entre 7-8% no Brasil, mas podem estar subestimando mudanças estruturais recentes que empurram essa taxa ainda mais para baixo.

A mudança demográfica é talvez o fator mais importante nesse movimento. O envelhecimento da população aumenta o peso relativo dos mais velhos entre as pessoas em idade de trabalhar, grupos que têm menor participação e menor taxa de desocupação. Ao mesmo tempo, a queda da população mais nova reduz a oferta efetiva de trabalho, de modo que a mesma demanda por emprego hoje gera uma taxa de desemprego menor do que geraria em uma economia mais jovem.

Avanços educacionais nas últimas décadas contribuem para uma população ocupada mais instruída e para uma NAIRU mais baixa. Trabalhadores com maior escolaridade têm maior empregabilidade e se adaptam melhor a mudanças tecnológicas e setoriais, o que reduz o desemprego de longa duração.

Outras mudanças institucionais e tecnológicas contribuíram para uma NAIRU menor nos últimos anos. A reforma trabalhista contribuiu para reduzir a NAIRU ao diminuir o número de novos processos trabalhistas na

Justiça em relação ao número total de ocupados. Ao reduzir a incerteza jurídica e a probabilidade de litígios custosos, diminuiu-se o custo esperado de contratar e demitir, incentivando micro e pequenas empresas a se manterem e contratarem mais.

A digitalização e desburocratização de serviços públicos também ajudam a reduzir essa taxa, por exemplo, ao baratear e acelerar a abertura e a operação de empresas, especialmente por meio do MEI. A possibilidade de abrir CNPJ pela internet em poucos minutos levou a uma explosão de registros de MEIs desde o início da pandemia. Embora esse movimento traga riscos de pejotização e nem sempre represente empregos ideais em termos de proteção social, ele aumenta a proporção de trabalhadores por conta própria com CNPJ e reduz o contingente informal, ampliando oportunidades de geração de renda e tornando o ajuste entre oferta e demanda por serviços mais fluido.

Com a disseminação de plataformas de transporte e de entrega a partir de 2016, a gig economy (economia de “bicos”) abriu uma porta de entrada rápida para renda e atraiu milhões de desempregados e até ocupados insatisfeitos. Evidências relacionam esse movimento a um nível menor de desocupação e maior de participação em comparação a um cenário sem esse tipo de trabalho, sugerindo que a gig economy contribuiu para reduzir a NAIRU, ainda que com menos proteção trabalhista.

A queda expressiva da taxa de sindicalização nos últimos anos também pode estar ligada à redução da NAIRU, ainda que essa relação deva ser vista apenas como hipótese. Menos sindicalização significa menor poder de barganha coletiva e menor capacidade de pressionar salários reais para cima, o que torna o ajuste via emprego relativamente mais fácil para empresas.

Todos esses fatores sugerem que a taxa de desemprego neutra no Brasil já pode estar abaixo dos valores estimados por modelos tradicionais. Se esse for o caso, a economia brasileira talvez já esteja operando mais próxima do pleno emprego e não tão abaixo dele como se imaginava. **D**

Paixão sobre rodas.



# MOTOR SHOW

[www.motorshow.com.br](http://www.motorshow.com.br)

